

VIDA EM FAMÍLIA

1. Lar e família

1.1. Casamento

O Espiritismo nos ensina que o casamento “é um progresso na marcha da Humanidade” e que a sua abolição significaria “retorno à vida animal” (O Livro dos Espíritos, questões 695 e 696)

Para muitas pessoas, ele representa a perda da liberdade, a escravização, uma fonte de sofrimento. Tudo depende, porém, da visão de cada um, não dele em si. Algumas evitam-no com a esperança de levar uma vida tranqüila, descompromissada. Entretanto, se quem se casa tem de enfrentar lutas, dificuldades, responsabilidades, o celibatário se depara com a solidão, tanto mais cruenta quanto mais avança em idade. No livro Família, psicografado por Francisco Cândido Xavier, Delfina Benigna alerta:

Um conselho para os homens,
Enquanto pobres mortais,
Se quem casa sofre muito,
Quem não casa sofre mais.

Não adianta iludir-se o homem fugindo do casamento. As dificuldades da existência surgirão mais cedo ou mais tarde, porquanto são necessárias ao nosso progresso espiritual.

A grande maioria dos matrimônios é do tipo provacional ou expiatório. Raros se apóiam na afinidade verdadeira. Quase sempre recebemos como cônjuge quem muito prejudicamos no passado, ou que conduzimos ao desequilíbrio. Somos os únicos responsáveis pela nossa situação. Mas se colocarmos em prática os ensinamentos de Jesus, teremos tudo para conseguir um bom relacionamento, transformando até mesmo aversões do passado em verdadeira amizade. Esta é uma das mais importantes finalidades do casamento.

Fugir do matrimônio para evitar os problemas que lhe são inerentes significa recuar do resgate que nós mesmos programamos no Mundo Espiritual. Enfrentá-lo é a melhor escolha, em condições normais, porquanto estamos ainda vinculados à Lei de Causa e Efeito.

Levando em conta, entretanto, que as necessidades cármicas e programações de existência variam muito de pessoa para pessoa, ressaltamos os casos em que a alma vive em regime de celibato e ou solidão afetiva, sem dela ter como se livrar.

Tais são, por exemplo:

- Casos de deficiências ou anomalias orgânicas e psíquicas que desaconselham ou tornam mesmo impraticável o matrimônio.
- Opções conscientes pelo celibato naqueles que assim o decidem talvez em razão de ideais de natureza espiritual ou devido ao método de vida que levam (viagens freqüentes, encargos de família...).
- O caso, relativamente freqüente, de pessoas que, embora desejando ardentemente realizar sua felicidade afetiva e sexual, simplesmente não aparece o parceiro devido e o matrimônio não ocorre.
- Finalmente, o caso também comum, daqueles que, embora tenham constituído família, vêm a experimentar de novo a solidão em período maior ou menor de sua vida, em razão de separação ou viuvez.

Em todos esses casos, porém, devemos entender que o espírito lucra grande proveito, para sua evolução. Tanto quanto a vida conjugal normal constitui meio de aprimoramento do espírito, as longas abstinências do corpo e do sentimento do que vive só reparam devagarinho seus excessos e transgressões à lei divina, no campo afetivo, no passado e recompõem gradativamente sua ordem interior.

Vida Conjugal – Humberto Ferreira

O casamento não se realiza ao acaso.

Almas compromissadas por múltiplas falhas e por quedas espetaculares, ao longo de múltiplas reencarnações, têm, no casamento, um novo encontro, sempre com a conseqüência e resoluções tomadas na vida espiritual.

Enquanto não disponham, porém, de educação espiritual necessária, serão os Mentores Espirituais que definirão as linhas e a orientação do casamento necessário com a alma que mais lhe convém.

São eles, portanto, os patronos do casamento.

Aproximam, assim, via reencarnação, um novo mergulho no esquecimento da carne aos que necessitam de reencontrar-se sob o mesmo teto.

Levam os parceiros a se buscarem, no palco da Terra, para resgatarem suas dívidas de amor, e, ao mesmo tempo, providenciam aquelas outras almas que irão compor a escola familiar de que são absolutamente carentes.

Amiúde, o reencontro com o parceiro ou a parceira de vidas anteriores, fazem parte de suas experiências necessárias, notadamente quando há dívidas de afeto entre si e, por isso, esse casamento é quase um mergulho necessário em provações expiatórias.

Se, no entanto, o enlace é de almas que se purificam, temos, no casamento, almas que se unem para tarefas ou missões regenerativas ou santificantes.

As uniões são, portanto, felizes ou infelizes de acordo com o nível espiritual dos que se aproximaram para a formação do lar.

O lar é um cadinho de purificação.

Se houver, ali, conflitos decorrentes de nossa imaturidade espiritual, lembremo-nos de que um dia deveremos compreender-nos e tolerar-nos e quanto mais cedo isto se realizar, mais cedo teremos liquidado débitos na contabilidade da Vida.

Utilizemos, pois, a oportunidade presente para o ajuste necessário, a fim de não transferir para um amanhã desconhecido os reajustes afetivos a que fomos convocados nesta hora.

Filhos, como Educá-los – Roque Jacintho

1 - Existem as *almas gêmeas*, metades que se buscam para um embalço eterno?

O Espiritismo diz que não, conforme está na questão nº 298, de “O Livro dos Espíritos”. Há, seguramente, as *algemas*, almas que se unem para experiências de resgate e reajuste, no instituto do casamento.

2 - Então essa história de cara metade é furada?

Não inteiramente. Se há respeito, carinho, compreensão entre os cônjuges, natural que usem essa expressão reciprocamente. Se acirram-se desentendimentos, em clima de guerra doméstica, a *cara metade* costuma transformar-se em *metade cara*, em face do desgaste emocional e espiritual dessa convivência.

3 - Por isso costuma-se dizer que o casamento é como uma fortaleza sitiada. Quem está fora quer entrar. Quem está dentro quer sair...

Levando por aí podemos lembrar uma observação atribuída a Sócrates: “Quer vos caseis, quer não, haveis de vos arrependerdes”.

4 - Não será para contornar essa dubiedade que muita gente prefere o ajuntamento, sem os compromissos formais do matrimônio?

O *ajuntamento* é uma clara demonstração de que os parceiros desejam as vantagens dessa relação sem disposição para assumir os compromissos que lhe são inerentes.

5 - Quais seriam esses compromissos?

Fundamentalmente, o de renunciar à liberdade irrestrita. Numa existência em comum as decisões e iniciativas não podem ser unilaterais. Há que se harmonizarem necessidades e aspirações de ambas as partes.

6 - Mas isso não pode estar presente também num ajuntamento?

Talvez, mas é difícil. Implicamente as pessoas que partem para um *ajuntamento* estão dizendo: “Vamos experimentar. Se você não invadir meu espaço, se não interferir em minhas iniciativas, se atender às minhas expectativas, ficaremos juntos”. É um mau começo.

7 - Até que ponto o casamento altera essa concepção?

O casamento é uma demonstração recíproca de confiança na solidez da relação. Ao assinar o contrato matrimonial os nubentes atestam que estão dispostos a enfrentar juntos as lutas da existência e compor um agrupamento familiar, marcado pela presença de filhos, com todas as responsabilidades que lhe são inerentes.

Não Pise na Bola – Richard Simonetti – pág. 37 a 39

1 - Os Espíritos que reencarnam planejam seu casamento na Terra?

Sim, quando esclarecidos e conscientes de suas necessidades, o que não ocorre com multidões que retornam à carne atendendo ao automatismo reencarnatório.

2 - Não há da parte dos mentores espirituais o cuidado de planejar algo a respeito?

Há sempre um acompanhamento e um empenho de orientação, mas é preciso considerar que planejamento implica em consciência de responsabilidade, que não é o forte dos Espíritos imaturos que habitam nosso planeta de expiação e provas.

3 - Podemos dizer que os casamentos que dão certo são aqueles que foram planejados?

Estes têm melhores chances, mas também podem fracassar. Nossa visão na Espiritualidade é bem mais objetiva. Identificamos com clareza nossas necessidades e o que nos cumpre fazer. Na Terra é freqüente prevalecerem nossas paixões, pondo a perder, não raro, planos cuidadosamente elaborados.

4 - Quando o casamento não dá certo, ainda que planejado, é lícito partir para nova experiência afetiva?

O livre-arbítrio outorga-nos a possibilidade de recompor nossa vida nos domínios da afetividade e os próprios mentores espirituais podem nos auxiliar nesse mister. Tudo o que desejam é que tenhamos aprendido algumas lições e não incorramos nos mesmos enganos que determinaram o fracasso anterior.

5 - Como fica nosso compromisso com o cônjuge do qual nos separamos?

Normalmente o casamento objetiva a harmonização de Espíritos que se reúnem no lar, consolidando laços de afetividade ou desfazendo nós de animosidade. Se isso não ocorre, fatalmente nos reencontraremos para novas experiências em comum.

6 - Voltaremos à condição de cônjuges?

A misericórdia divina poderá facultar uma mudança de posições nesse relacionamento, ligando-nos por laços de consangüinidade – pai e filha, mãe e filho ou como irmãos – que exercem poderosa influência nessa harmonização.

7 - Há registro de pessoas que colecionam casamentos, em uniões efêmeras. Ao desencarnar, com quem ficarão?

Com a solidão, em estágios depuradores nas regiões umbralinas. Ali terão a oportunidade de refletir sobre tendências inferiores não combatidas que inviabilizaram uma convivência estável e proveitosa.

Não Pise na Bola – Richard Simonetti – pág. 40 a 43

O casamento pode ser uma prova difícil, por ser o reencontro de almas imperfeitas entre si, que se buscam, instintivamente, para se superarem.

É, contudo, uma prova redentora.

Para que o marido e a mulher cumpram bem as suas obrigações conjugais, necessário será que permutem atenção, carinho e, acima de tudo, que se respeitem mutuamente.

Filhos, Como Educá-los – Roque Jacintho

1.2. Lar

O lar é o educandário doméstico.

Nele faz-se necessário, por isso, limpar as ervas daninhas que recobrem os sentimentos, após o matrimônio.

O lar é uma conquista do casal, sob amparo espiritual.

Necessário será, contudo, que combatamos a indiferença, a sensação de rotina, o egoísmo aviltante, para que o homem e a mulher não se tiranizem entre si.

Que a mulher, pois, seja o ânimo para os trabalhos temporais e que o marido seja capaz de acompanhar a ternura e o sentimento da mulher.

* * *

O lar é semelhante a uma embarcação lançada ao mar da vida, enfrentando tormentas e calmarias convocando o casal ao entendimento mútuo, nessa longa viagem.

Sufrimentos e lutas enobrecem o lar.

Ali deve-se viver de coração aberto, de alma purificada no cadinho da vida, alimentando-se do amor, já que o lar convida à integração de forças divinas.

O lar exige do casal: concessão recíproca, tolerância mútua, fraternidade, renúncia, para que jamais o casal deserte da camaradagem entre si.

* * *

Não há lar onde não hajam mentes unidas trabalhando em rumos e objetivos iguais.

Anote-se, contudo, que como a esmagadora maioria são casais que se unem para resgatar o passado doloroso, observa-se que muitos convivem quais se fossem vítimas de incompreensão.

Filhos, Como Educá-los – Roque Jacintho

1.3. Família

A família consangüínea é uma reunião de almas em processo de evolução, reajuste, aperfeiçoamento ou santificação. O homem e a mulher, abraçando o matrimônio por escola de amor e trabalho, honrando o vínculo dos compromissos que assumem perante a Harmonia Universal, nele se transformam em médiuns da própria vida, responsabilizando-se pela materialização, a longo prazo, dos amigos e dos adversários de ontem, convertidos no santuário doméstico em filhos e irmãos. A paternidade e a maternidade, dignamente vividas no mundo, constituem sacerdócio dos mais altos para o Espírito reencarnado na Terra, pois, através delas, a regeneração e o progresso se efetuam com segurança e clareza. Além do lar, será difícil identificar uma região onde a mediunidade seja mais espontânea e mais pura, de vez que, na posição de pai e de mãe, o homem e a mulher, realmente credores desses títulos, aprendem a buscar a sublimação de si mesmos na renúncia em favor das almas que, por intermédio deles, se manifestam na condição de filhos.

Nos Domínios da Mediunidade – André Luiz

A família é, antes de tudo, um laboratório de experiências reparadoras, na qual a felicidade e a dor se alternam, programando a paz futura.

Nem é o grupo da bênção, nem o *élan* da desdita.

Antes é a escola de aprendizagem e redenção futura.

A vida é incessante, e a família carnal são experiências transitórias em programação que objetiva a família universal.

S.O.S. Família – Joanna de Ângelis – págs. 23 e 24

1.4. Convivência em família

Irmãos que se amam, ou se detestam, pais que se digladiam no proscênio doméstico, genitores que destacam uns filhos em detrimento dos outros, ou filhos que agridem ou amparam pais, são Espíritos em processo de evolução, retornando ao palco da vida física para a encenação da peça em que fracassaram, no passado.

Filhos, Como Educá-los – Roque Jacintho

1 - Há momentos em que tenho vontade de estrangular meu irmão. Teremos sido inimigos no passado?

Essa é a idéia com que, nas lides espíritas, justificamos nossa incapacidade de conviver em harmonia.

2 - Se ele for meu inimigo não será natural que tenhamos problemas de convivência?

Deus seria um sádico se fosse essa a intenção.

3 - Mas não é assim que pagamos nossas dívidas?

Só pagam dívidas os que cultivam a paz. Em estado de guerra apenas complicamos nosso futuro.

4 - Se a dificuldade de convivência não decorre de passadas divergências, qual a sua origem?

Falta de educação.

5 - Eu me considero uma pessoa educada. Tenho escolaridade, freqüento as reuniões da mocidade espírita, cultivo a oração.

Isso tudo é muito bom, mas exprime apenas verniz, a parte exterior de nossa personalidade. A verdadeira educação exprime-se no disciplinamento de nossas emoções, na capacidade de conservar a serenidade, respeitando as pessoas.

6 - Ocorre que quem começa as brigas é ele. Como lidar com isso?

Segundo um velho princípio, quando um não quer dois não brigam. Elas começam com a agressão de alguém, mas só se consumam porque o outro reage com agressividade.

7 - Mas se eu baixar a cabeça sempre que ele apronta ficarei em desvantagem...

Você não precisa “baixar a cabeça”. Apenas evite a palavra áspera, o xingamento, o grito, a violência verbal, que geralmente caracterizam esses “mimoseios” entre irmãos.

Não Pise na Bola – Richard Simonetti – pág. 64 a 65

Abençoa, desse modo, com a paciência e o perdão, o filho ingrato.

Compreende com ternura o genitor atormentado que te não corresponde às aspirações.

Desculpa o esposo irresponsável ou a companheira leviana, perseverando ao seu lado, mesmo que o ser a quem te vinculas queira ir-se adiante.

Não o retenhas com amarras de ódio ou de ressentimento. Irá além, sim, no entanto, prossegue tu, fiel, no posto, e amando...

* * *

Indispensável que para o êxito matrimonial sejam exercitadas singelas diretrizes de comportamento amoroso.

Há alguns sinais de alarme que podem informar a situação de dificuldade antes de agravar a união conjugal:

- Silêncios injustificáveis quando os esposos estão juntos.
- Tédio inexplicável ante a presença do companheiro ou da companheira.
- Ira disfarçada quando o consorte ou a consorte emite uma opinião.
- Saturação dos temas habituais, versados em casa, fugindo para intérminas leituras de jornais ou inacabáveis novelas de televisão.
- Irritabilidade contumaz sempre que se avizinha do lar.
- Desinteresse pelos problemas do outro.
- Falta de intercâmbio de opiniões.
- Atritos contínuos que ateam fagulhas de irascibilidade, capazes de provocar incêndios em forma de agressão desta ou daquela maneira...
- E muitos outros mais.

Antes que as dificuldades abram distâncias e os espinhos da incompreensão produzam feridas, justo que se assumam atitudes de lealdade, fazendo um exame das ocorrências e tomando-se providências para sanar os males em pauta.

Assim, a honestidade lavrada na sensatez, que manda “abrir-se o coração” um para com o outro, consegue corrigir as deficiências e reorganizar o panorama afetivo.

É natural que ocorram desacertos. Ao invés, porém, de separação, reajustamento.

A questão não é de uma “nova busca” mas de redescobrimto do que já possui.

Antes da decisão precipitada, ceder cada um, no que lhe concerne, a benefício dos dois.

Se o companheiro se desloca, lentamente, da família, refaça a esposa o lar, tentando nova fórmula de reconquista e tranqüillidade.

Se a companheira se afasta, afetuosamente, pela irritação ou pelo ciúme, tolere o esposo, conferindo-lhe confiança e renovação de idéias.

O cansaço, o cotidiano, a apatia são elementos constrictivos da felicidade.

Nesse sentido, o cultivo dos ideais nobilitantes consegue estreitar os laços do afeto e os objetivos superiores unem os corações, penetrando-os de tal forma, que os dois se fazem um, a serviço do bem. E em tal particular, o Espiritismo – a Doutrina do Amor e da Caridade por excelência – consegue renovar o entusiasmo das criaturas, já que desloca o indivíduo de si mesmo, ajuda-o na luta contra o egoísmo e concita-o à responsabilidade ante as leis da vida, impulsionando-o ao labor incessante em prol do próximo. E esse próximo mais próximo dele é o esposo ou a esposa, junto a quem assumiu espontaneamente o dever de amar, respeitar e servir.

Assim, considerando, o Espiritismo, mediante o seu programa de ideal cristão, é senda redentora para os desajustados e ponte de união para os cônjuges, em árduas lutas, mas que não encontraram a paz.

Joanna de Ângelis – S.O.S. Família – pág. 24 , 31, 32 e 33

A paciência, no lar, é o fruto do amor.

O amor, portanto, favorece que a alma se manifeste dentro do máximo de tolerância, atribuindo-lhe a ventura de ser um exemplo em todos os momentos mais cruciais da existência.

Paciência é amor fraternal.

Com isso, não dispense a energia, quando necessária, para clarear qualquer circunstância e corrigir todos os enganos de boa ou de má fé.

É que a paciência é tolerância esclarecida e, negar-se à dissolução de mentiras ou de falsidades, seria baratear a sua capacidade de querer bem.

Eduque-se e domine a sua vontade, superando as suas deficiências espirituais, empenhando-se vivamente no esforço próprio e não tema os desafios do dia a dia.

Jamais se faça indiferente.

Esqueça os hábitos milenares das queixas.

Em tempo algum se interne na posição de vítima, mesmo quando tudo lhe pareça adverso, já que todas as nossas limitações pessoais são frutos de nós mesmos.

Discipline-se a cada minuto de sua existência.

Contenha seus impulsos súbitos, criando em você mesma uma atmosfera de disciplina e considere o amor a sublimação da vida.

Estejam, pois, atentos a qualquer ameaça que lhes sobrepaire ao próprio lar, já que o abalo à paz doméstica é, sempre, um perigo a solapar o equilíbrio do casal.

O lar, quando nele se cultiva a prece e a necessária vigilância espiritual, já terá, com isso, as suas melhores defesas.

Zele para evitar desvios e tentações.

Se um dos cônjuges se transvia, todos experimentarão amargores e desencantos, adentrando-se em lutas surdas ou explícitas e, com isso, surgirão as tempestades de dores morais.

Esse é um momento de sacrifícios.

Se, portanto, ao contrário de refugiar-se em queixas e lamentações, buscando o papel de vítima, o cônjuge aceitar o sacrifício para o reajuste de todos, ele se santificará e se iluminará, passando a ser o verdadeiro condutor dos deveres conjugais.

Nem tudo são flores, sem espinhos.

Necessário se fará o cultivo de orações, buscando em Jesus o amparo diante das tormentas conjugais, para que o lar não se soterre sobre as adversidades.

Lembre-se de que todos somos imperfeitos.

Se você não quiser ser cobrada para ter paciência e renúncia, não cobre do seu parceiro aquilo que você não pode dar, e nem o homem cobre da mulher a ternura com que não a trata.

Unam-se, no trato da educação dos filhos e, educando, eduquem-se e sublimem-se na abnegação e na dor, sem criar mais tormentas nos horizontes espirituais do seu ponto de reencontro com a alma que lhe é credora de afeto de reencarnações anteriores.

Filhos, Como Educá-los – Roque Jacintho

2. Educação dos filhos

2.1. Missão dos pais

A verdadeira missão que os pais têm a desempenhar na Terra fica incompleta, quando eles negligenciam a educação dos filhos. Poderão ser bem sucedidos no desempenho de outras tarefas, todavia dificilmente terão a consciência tranqüila, se não encaminharem bem os próprios filhos, preparando-os adequadamente, não só para a vida aqui na Terra, como para a vida espiritual.

Interrogados por Allan Kardec, a respeito da finalidade da infância, os espíritos responderam: “A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores”.

Está claro que este é o período ideal para se realizar a educação do espírito reencarnante. Não é, porém, o único período, porquanto prossegue na adolescência. Se parasse na infância, ficaria incompleta.

Na verdade, a educação começa quando os futuros pais estão se preparando para constituir um lar. Além de se prepararem para a vida conjugal, é imprescindível cuidar da preparação para educar os filhos.

Para cumprir com eficiência a sua missão, de pais e educadores, precisam eles aprimorar a própria educação.

Na questão 385 de O Livro dos Espíritos, explicam os Espíritos Superiores: “Nesta fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores”. Esta assertiva define a finalidade da educação, e ressalta a sua importância. Sem ela, o espírito reencarnante corre o risco de se desviar do caminho do bem por causa dos defeitos do caráter e as más tendências que traz de outras encarnações.

Na mesma questão, os Espíritos se referem à tarefa de educar os filhos como “missão sagrada”. Não há dúvida, portanto, que a educação é uma das tarefas mais importantes que o ser humano realiza na Terra.

Nesta mesma questão, afirmam os instrutores espirituais: “Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas”.

Não há dúvida de que os pais – pais e mães – são os principais responsáveis pela educação dos filhos. São eles que os acompanham no dia-a-dia e podem observar as suas reações e comportamento, identificando as suas más tendências e procurando corrigi-las no momento certo. Para isto, precisam estar sempre atentos e dispostos a gastar tempo na sua orientação.

Assevera Emmanuel: “A melhor escola ainda é o lar, onde a criatura deve receber as bases do sentimento e do caráter”.

Relacionamento Ente Pais e Filhos – Umberto Ferreira

2.2. Pontos importantes na educação dos filhos

2.2.1. Amor e carinho

Amor, carinho e orientação são os principais recursos na criação e educação dos filhos.

As crianças que recebem amor e carinhos são mais equilibradas e felizes. Já aquelas que não os recebem se ressentem, tornam-se carentes de afeto e, quase sempre, se tornam agressivas e revoltadas. A agressividade costuma ser uma forma de chamar a tenção ou uma maneira de exteriorizar a revolta. A agressividade pode ser voltada para as pessoas da casa, ou para objetos. As crianças carentes de amor podem se tornar destruidoras de coisas, plantas ou cruéis com animais. Podem também agredir os colegas na escola.

As crianças carentes podem também emburrar e dar birra para chamar a atenção. Muitas vezes, o que conseguem com estas atitudes é receber broncas dos pais, mas, pelo menos, conseguem a sua

atenção, embora continuem frustradas, porque, na realidade, o que desejam é receber atenção e carinho dos pais.

Muitos pais pensam que apenas as crianças necessitam de amor e atenção. Na verdade, os jovens, principalmente os adolescentes, também precisam. Isto pode ser constatado nos lares cujos pais se separam. Os filhos ficam inseguros, temendo perder a atenção e o carinho do pai ou da mãe, isto é, daquele que sai de casa. Alguns ficam tristes, deprimidos, desorientados. Um autor de um livro de Psiquiatria afirma que 50% dos jovens com dependência de drogas, nos Estados Unidos, são filhos de pais separados.

André Luiz afirma: “Daí porque toda criatura tem necessidade de amar e receber amor para que se lhe mantenha o equilíbrio geral”.

Esta permuta de amor, na infância e adolescência, é feita com os pais. Quando os jovens começam a namorar ou se casam, passa a ser feita, principalmente, com os namorados ou cônjuges. Nesta fase, costumam se afastar um pouco dos pais e estes, muitas vezes, não entendem as razões deste novo comportamento. É que não mais dependem, quase exclusivamente, dos pais para esta permuta de amor.

O amor tem uma força extraordinária para transformar as criaturas. Até os animais são sensíveis a uma manifestação de amor. Foi com este recurso poderoso que Jesus mudou os rumos da própria Humanidade. Foi com este poder inavaliável que Jesus transformou Maria de Magdala na abnegada enfermeira dos sofredores.

Indiscutivelmente, o amor é o mais poderoso recurso de que dispõem os pais para educar os filhos. Quando o usam regularmente e de forma adequada, dosada, praticamente não precisam usar palmadas ou qualquer forma de castigo.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

2.2.2. Diálogo

Embora os recém-nascidos não compreendam a linguagem dos adultos, já podemos conversar com eles, dirigindo-lhes palavras carinhosas e estimulando-os ao bem. Eles não entenderão com o cérebro, mas o espírito poderá assimilar. Neste caso, ficarão arquivadas no inconsciente e exercerão influência positiva em sua vida.

Quando os pais lhes dirigem palavras agressivas, estas ficam gravadas da mesma forma e exercem influência negativa pela vida afora.

Muitos desequilíbrios que se manifestam na adolescência ou idade adultas resultam de agressões sofridas pelas crianças nesta fase. Isto é mais comum quando os pais rejeitam os filhos e os agridem. Neste período, eles são muito sensíveis, exigindo cuidado e delicadeza ao serem tratadas.

Precisamos compreender que a criança não é um adulto e não pode ser tratada como tal.

Com as crianças maiores, o diálogo deve ser praticado com maior frequência. Para que seja bem sucedido, os adultos precisam descer ao nível delas e procurar falar a sua língua.

Os pais devem demonstrar que são amigos dos filhos e que querem o melhor para eles. Precisam ter paciência para ouvi-los. Muitas vezes, as crianças estão certas, e nos surpreendem com ponderações corretas e oportunas.

Até os quatro anos de idade, as crianças têm poucas possibilidades de entender o que é certo e de separar a verdade do erro. Apesar disto, não podemos deixar de ensiná-las a fazer este discernimento. Sempre assimilam alguma coisa.

A partir dos cinco anos de idade, as crianças começam a discernir a verdade do erro. É a fase em que devemos intensificar nossas conversas com elas, usando argumentação lógica e na linguagem mais acessível, tendo em vista a sua idade e capacidade de entendimento. Os pais precisam se preparar para argumentar com fundamentos, explicando o porquê de tudo, para que sejam convincentes. Muitos dizem que conversam com os seus filhos, mas não obtêm bons resultados. Ficam com a impressão de que não

adianta gastar tempo com esta conversa. Estes pais precisam reavaliar a forma de dialogar. Quando dizem aos filhos, ao negar ou proibir alguma coisa: “porque não quero, porque está errado, porque Deus castiga”, não estão sendo convincentes. As crianças querem saber o porquê. Explicando com paciência e lógica, sem dúvida, obtêm sucesso.

Certa vez, os pais de um menino de oito anos foram chamados à escola, porque o seu filho estava baixando a calcinha das meninas, juntamente com outros colegas. Em casa, teve uma conversa com ele. O filho explicou que estava agindo assim induzido pelos colegas e entendia que era apenas uma brincadeira. O pai lembrou-lhe que ele tinha recebido esclarecimentos sobre sexo em casa e não tinha motivo para agir assim, já que não tinha razões para ter malícia sobre sexo. Fê-lo ver que os seus colegas faziam aquilo por malícia, provavelmente por não terem recebido adequada educação sexual. Por fim lhe disse que, ao invés de seguir as idéias dos colegas, ele deveria ensinar-lhes o que sabia sobre sexo, de modo a acabar com os motivos para malícia. Nunca mais os pais tiveram queixa dele com relação a sexo. Isto mostra que ele entendeu e, portanto, o diálogo funcionou.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

2.2.3. Energia e castigos

Não temos dúvida de que o amor é o maior recurso para educar, porém o amor não dispensa a energia. O amor em excesso pode prejudicar. É preciso saber dosá-lo. Isto é mais difícil para os pais que têm filho único. De um modo geral, eles acabam envolvendo o filho com amor excessivo, prejudicando a sua educação.

Às vezes, mesmo empregando o amor e o diálogo na educação dos filhos, os pais não conseguem os resultados esperados. Em muitas situações, eles têm que agir com energia, para não falhar como pais. Neste caso, um recurso que costuma dar bons resultados é fazer com que a criança assuma as conseqüências dos próprios atos. Certa vez, apesar das advertências dos pais, um seu filho teimava em jogar bola num espaço inadequado. Um dia, a bola quebrou o vidro da janela da casa vizinha. Apesar do menino ter apenas nove ou dez anos, o pai disse que ele mesmo teria de resolver o problema, mas poderia contar com o apoio paterno. Acertaram que o pai lhe emprestaria o dinheiro. Como o filho não tinha salário, pagaria lavando o carro da família. Combinaram de irem juntos à vidraçaria. O próprio filho teve que contratar os serviços do vidraceiro. O pai, entretanto, se recusou a acompanhá-lo à casa dos vizinhos. Ele teria que ir sozinho explicar o que havia acontecido e apresentar o vidraceiro. Sem o apoio dos pais, conseguiu convencer a secretária de sua mãe a acompanhá-lo. Com muito constrangimento e com a solidariedade da ajudante de sua mãe, resolveu a situação. O pai deixou que ele lavasse o carro uma ou duas vezes e perdoou o restante da dívida. Nunca mais o filho jogou bola no local impróprio. O aperto que a criança passou valeu muito mais do que qualquer outro tipo de castigo.

Um outro recurso que costuma ser usado pelos pais é o de restringir passeios, diversões dos filhos como castigo. Eles podem obter bons resultados com estas medidas, mas devem ter o cuidado de explicar as razões aos filhos, para que não fiquem revoltados e não se sintam injustiçados. Um cuidado que precisa ser tomado é o de evitar atitudes extremadas, como a de proibir tudo o que possa trazer alguma satisfação à criança e por um prazo muito longo. Alguns pais proíbem os filhos de brincar, de passear, de praticar esportes, de visitar os parentes, de ouvir música. Tudo ao mesmo tempo. Isto costuma provocar mais revolta do que efeito educativo. Melhores resultados podem ser obtidos, se a restrição for parcial, como, por exemplo, restringir a freqüência ao clube durante certo período de tempo. Além de ser melhor assimilada pela criança, a restrição mais limitada pode ser sustentada pelos pais até o fim, enquanto que, nos outros casos, muitas vezes têm que voltar atrás ou são forçados a reduzir o tempo. E isto pode abalar a autoridade dos pais.

É fundamental que a proibição tenha objetivos unicamente educativos. Não pode ser uma forma de vingança dos pais. Não é prudente proibir para castigar; apenas para educar.

Uma outra maneira utilizada pelos pais são os castigos corporais, as palmadas, as surras. Este recurso é o que mais tem gerado revolta, sobretudo as surras. Só pode ser usado com muito cuidado, equilíbrio e como recurso extremo. E somente depois que todos os outros falham. Entendo, porém, que os pais nunca devem recorrer a surras. Elas nunca ajudam e criam traumas difíceis de serem extirpados,

sobretudo do inconsciente. Há muitas pessoas desequilibradas, inibidas, inseguras que foram vítimas de pais que as surravam. Além disto, as surras podem provocar revoltas e agressividade. Como regra geral, podemos afirmar que a criança ou jovem que são surradas se tornam agressivas.

Até os quatro ou cinco anos de idade, pelas razões já expostas no tópico que trata das fases do desenvolvimento, não se pode bater na criança, a não ser quando ela começa a teimar e colocar a mãozinha onde não deve. Neste caso, podem ser aplicadas palmadas nas mãos, como estímulos aversivos, para criar condicionamentos. Estas não devem ser violentas, para não traumatizar. Não podem ser aplicadas com finalidade de punir ou educar, já que a criança ainda não tem condições de discernir o certo do errado. Mesmo assim, devemos explicar o porquê dos tapinhas, para que ela estabeleça uma associação entre o castigo e o que fez de errado.

A partir dos cinco anos, quando o amor, os esclarecimentos através do diálogo com a criança e as restrições não surtiram os resultados desejáveis e necessários, é compreensível que os pais se valham de palmadas. Uma ou duas é suficiente. O melhor local são as nádegas. Nunca na cabeça, porque choca muito e são recebidas como agressão. As palmadas me parecem mais adequadas, porque permitem aos pais dosarem a força, pelo ardor que sentem na própria mão.

É importante ressaltar que as palmadas não podem ser usadas como forma dos pais vingarem da criança ou como meio de extravasar o seu ódio. Só fazem sentido se tiverem como meta a educação dos filhos. Por este motivo, é ideal que os pais se controlem. Além disto, precisam ter a paciência de explicar à criança o porquê das palmadas. Caso estes cuidados não sejam tomados, o resultado poderá ser outro. A criança aprenderá a ser agressiva, violenta, revoltada.

A partir da pré-adolescência, ou seja, dos 11 aos 12 anos de idade as palmadas não costumam dar bons resultados. Na maioria das vezes, gera revolta. Por esta razão, devem ser evitadas.

De tudo o que foi exposto, talvez fique a impressão de que as palmadas nunca devam ser usadas. Este entendimento tem a sua razão de ser, porquanto os castigos corporais têm trazido mais prejuízos que benefícios. Podem ser usadas apenas em situações em que os demais recursos falharam.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

2.2.4. Motivação e prêmios

Muitos pais se omitem, quando as crianças cumprem bem os seus deveres, deixando de estimulá-las. Por exemplo: as crianças tiram notas boas e excelentes durante a grande maioria das provas e os pais nada dizem. Perdem a oportunidade de incentivar os filhos, de mostrar a sua satisfação pelo seu desempenho na escola. Quando, porém, tiram nota baixa, os pais fazem um verdadeiro sermão, desaprovam, censuram e, às vezes, até castigam.

Motivar e premiar funciona muito melhor do que censurar e castigar. É muito mais sábio usar os recursos pedagógicos, quando a criança está indo bem do que utilizar a censura, quando ela vai mal. As crianças costumam ficar revoltadas, quando muito censuradas e nunca estimuladas. Algumas queixam que nunca conseguem satisfazer os pais. Eles parecem estar sempre descontentes. Só sabem cobrar e censurar.

Vários recursos podem ser utilizados como prêmios para as crianças: ver televisão, ir ao cinema, freqüentar clubes, viajar nas férias. Os pais podem ensinar às crianças, desde pequenas, que todas estas alternativas de lazer constituem prêmios para aqueles que cumprem os seus deveres e que podem ser retirados, quando elas não os cumprirem, porquanto deixariam de merecer os prêmios. Todas as vezes em que os pais sentissem a necessidade de negar qualquer destas diversões aos filhos que não fizessem por merecer, eles não estariam punindo, mas deixando de premiar. Os resultados são bem melhores e não geram qualquer revolta.

Suponhamos que uma criança não fizesse os deveres num determinado dia. Os pais não permitiriam que ela assistisse televisão no dia seguinte.

Imaginemos que um dos filhos fosse reprovado no ano letivo. Os pais não o levariam na viagem de férias no final do ano.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

2.2.5. Liberdade

Apesar de pequenas e frágeis, as crianças têm direito à liberdade, mas não pode ser excessiva. Os pais precisam saber dosá-la. A este respeito, Emmanuel nos dá a seguinte orientação:

“Nem freio que os mantenha na servidão, nem licença que o arremesse ao charco da libertinagem.”

“Instinto à solta na infância é passaporte para o desequilíbrio.”

“Menino em desgoverno – celerado em preparação.”

“Hoje, criança livre – amanhã, problema laborioso.”

Há pais que deixam as crianças completamente livres em casa ou na rua, fazendo o que querem. A liberdade concedida desta forma, sem critérios, pode ser muito prejudicial. As conseqüências futuras serão danosas tanto para elas, quanto para os próprios pais.

Por outro lado, há pais que não dão liberdade para as crianças, nem mesmo para brincar. Este é o outro extremo, de conseqüências não menos funestas.

A criança tem o direito de chorar. Esta é a sua primeira forma de se comunicar com as pessoas. Ela chora por fome, sede, dor de barriga ou outras dores, fraldas molhadas ou sujas, falta ou excesso de agasalhos, roupas apertadas, vontade de sugar ou por sentir-se só (quer a atenção da mãe).

Os pais devem procurar identificar a causa e solucionar o problema. Não podem bater na criança, simplesmente por ela estar chorando. Isto é violência. Se a causa do choro for manha, o que eles devem fazer é deixá-la chorar até desistir. Por outro lado, devem prevenir o aparecimento de manha, dosando a atenção. Há pais que temem deixar a criança no berço ou no seu quarto e a tomam nos braços toda vez que chora ou mesmo resmunga. A conseqüência é a manha.

A criança tem o direito de brincar. Muitos pais lhe negam este direito, exigindo que ela trabalhe desde pequena, fora do horário dos deveres escolares. Outros preenchem todo o seu tempo com atividades, cursos etc., de modo que não sobra tempo para brincar.

No mundo das crianças, os brinquedos são muito importantes. Elas têm imaginação fértil. E os brinquedos são uma forma de vivenciarem as suas fantasias, vivência esta que faz um bem para elas.

As crianças precisam de liberdade no lar. Não têm elas o direito de destruir as coisas em casa, mas precisam de liberdade. É preferível guardar enfeites de casa ou outros objetos fora do alcance das crianças a restringir-lhes a liberdade.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

2.2.6. Religião

O amor e a religiosidade concorrem para desenvolver e fortificar as forças da natureza humana: “Quanto mais puros, verdadeiros e educados forem o amor e a religiosidade, mais pura, verdadeira e educada será a capacidade comum que neles se fortifica, dando como resultado seguro a felicidade, operosidade, a constância, a tenacidade e o espírito de sacrifício”.

Sem amor e sem crença, falta o fio pelo qual se consegue o verdadeiro desenvolvimento da nossa humanidade. Numa palavra: religiosidade e amor são o alfa e o ômega da formação elementar para o ser humano.

Pestalozzi, O Grande Educador – Prof. Luciano Lopes

As noções religiosas, com a exemplificação aos mais altos deveres da vida, constituem a base de toda a educação, no sagrado instituto da família.

O Consolador – Emmanuel – q. 108

- Você considera importante a preparação da infância através da atividade de evangelização? Por quê?

- É de alta importância a tarefa da educação espírita das gerações novas. Colocamos aqui a palavra educação espírita, numa abrangência maior do que a da evangelização, porque a evangelização pura e simples pode parecer uma questão já colocada por determinadas doutrinas religiosas do passado. Mas a educação espírita, trazendo a evangelização infanto-juvenil à luz do Espiritismo, é tarefa de emergência, mais que de urgência porque a violência e a agressividade que hoje estão nas nossas ruas são fruto da falta de educação da massa, de educação espiritual de profundidade. Diz-se muito que tudo isto é o resultado, em linhas gerais, dos problemas sócio-econômicos. Os estudiosos especializados têm chegado a muitas conclusões. Lamentavelmente, ainda não temos fora da área espírita, um sociólogo, um pedagogo, que tenha chegado à conclusão de que tudo isto resulta de fatores morais, que são os geradores do egoísmo e, por conseqüência, dos problemas sócio-econômicos. A base é portanto o problema moral.

“A evangelização, a educação espírita é de fundamental importância para a criança.”

Diálogo – Divaldo Pereira Franco – cap. Evangelização Infantil

- Como o Senhor vê o movimento de Evangelização da Criança?

- Há muitos anos, nós todos, os companheiros de Doutrina Espírita, encontramos no movimento de Evangelização da Criança, aquele verdadeiro movimento de formação espiritual da infância, diante do futuro.

A Terra e o Semeador – Emmanuel – item 98

Doutrina eminentemente racional, o Espiritismo dispõe de vigorosos recursos para a edificação do templo da educação, porquanto penetra nas raízes da vida, jornadeando com o espírito através dos tempos, de modo a elucidar recalques, neuroses, distonias que remontam desde os primeiros dias da conjuntura carnal, a se fixarem no carro somático para complexas provas ou expiações.

A educação encontra no Espiritismo respostas precisas para melhor compreensão do educando e maior eficiência do educador no labor-produtivo de ensinar a viver, oferecendo os instrumentos do conhecimento e da serenidade, da cultura e da experiência aos reiniciantes do sublime caminho redentor, através dos quais os tornam homens voltados para Deus, o bem e o próximo.

Estudos Espíritas – Joanna de Ângelis – cap. 23

2.3. Mensagem às crianças

- Se o Senhor tivesse que dar uma mensagem para uma criança, ou mesmo um filho, para que ele pudesse vencer espiritualmente na vida, o que diria?

- Se eu tivesse um filho (tive na minha vida algumas crianças que cresceram sob a minha responsabilidade), ensinaria nos primeiros dias da vida a esse filho o respeito à existência de Deus, o respeito à justiça e o amor ao trabalho. E, em seguida, ensinaria a ele que não seria e não será melhor do que os filhos dos outros.

Entender Conversando – Chico Xavier / Emmanuel – pág. 24

3. Crises na vida conjugal

3.1. Os momentos de crise

Quase todos os casais passam por momentos difíceis, verdadeiras crises, na maioria das vezes passageiras. É a fase inicial de adaptação à vida a dois. É uma crise íntima que afeta a ambos ou a um dos dois.

As causas podem ser as mais variadas. Uma das mais comuns está ligada aos problemas financeiros do casal que luta por firmar-se economicamente. Pode ser também quando um dos dois passa a sofrer um processo obsessivo não perceptível claramente.

Problemas dessa natureza costumam gerar certa indiferença afetiva, com evidentes repercussões no relacionamento conjugal. Essa é uma fase perigosa para o casal porque, tanto o que está sofrendo diretamente o problema quanto o outro, podem tomar decisões precipitadas, que comprometem a vida familiar, antes de procurar solucionar a crise que originou o esfriamento do convívio.

O casal deve estar sempre preparado para enfrentar esses momentos de crise, procurando resolver as questões sem que a situação conjugal seja afetada de forma irreversível.

No planeta em que vivemos, não há lar que não enfrente períodos difíceis. Estamos num mundo de expiação e provas. Não podemos nos iludir achando que temos condições de passar a existência inteira sem lutas. É claro que podemos reduzir bastante as dificuldades, procurando colocar em prática os ensinamentos do Cristo, mas sempre restarão algumas lutas inevitáveis.

Casamento é um compromisso muito sério que não pode ser desfeito sem razões mais profundas e graves.

Identificando os momentos difíceis por que passa um dos cônjuges, o outro deve tomar medidas imediatas, visando ajudá-lo a superá-los. Esse é o principal apoio com que deverá contar.

Não podemos esquecer a importância das medidas preventivas para evitar as crises. Elas estão no Evangelho de Jesus.

Vida Conjugal – Umberto Ferreira

3.2. As causas podem ser variadas

3.2.1. Ciúme

A união conjugal deve estar apoiada na confiança mútua. E confiança não se impõe, conquista-se nos atos do dia-a-dia. Sem lealdade constante não se cativa a confiança do cônjuge. Ela começa a ser abalada por pequenas mentiras, muitas vezes, antes do casamento. Para conquistá-la, quase sempre, precisamos de muito tempo, mas, para perdê-la, um minuto é suficiente. Uma pessoa passa a ter direito de desconfiar de alguém que um dia a enganou.

Com relação à fidelidade conjugal, a questão é mais delicada. Quem um dia traiu dificilmente voltará a reconquistar a confiança do outro.

Se a desconfiança por parte de quem já foi traído é justificável e compreensível, o ciúme, que é um tipo de desconfiança infundada e injusta, é desastroso na vida conjugal e tem sido causa de inúmeras desuniões. Ao exteriorizar o ciúme, pensa o cônjuge que assim conseguirá manter o casamento. Mas muitas vezes acontece exatamente o contrário. O ciúme fere profundamente o outro, o que contribui para esfriar o relacionamento conjugal. A atitude infeliz do ciumento de cobrar exageradamente do cônjuge, de

exigir-lhe explicações de tudo, de vigiá-lo sempre, acaba magoando-o profundamente, abrindo uma ferida difícil de cicatrizar-se. E esse estado dificulta o próprio relacionamento sexual. Por essa e outras razões, o ciúme exagerado tem sido causa freqüente de separações.

Tanto o homem quanto a mulher, se quiserem cultivar um bom relacionamento conjugal, devem combater esse grave defeito moral. Insistir nele é colocar em risco o próprio casamento.

Ao invés de alimentar ciúme, o homem ou a mulher conseguiriam resultados muito melhores tratando a companheira ou o companheiro com bondade, respeito, consideração e lealdade.

É importante ressaltar que o ciumento é um infeliz. Sofre continuamente por causa da desconfiança. Aquele que confia, ao contrário, tem condições de cultivar a tranqüilidade interior.

Por outro lado, devemos observar que o cônjuge que é vítima de ciúme de seu par deve armar-se de muita compreensão para evitar que o casamento se desgaste ou termine por causa disso. Para tanto, a doutrina espírita nos ajuda extraordinariamente quando nos faz compreender que muitas causas reais de males e aborrecimentos que experimentamos nesta existência estão radicadas em vidas anteriores.

Não é raro vermos casos de homens corretíssimos que são vítimas constantes do cerco de esposas desconfiadas e doentamente ciumentas. Pode ser que tenham sido muito levianos no passado e agora, em virtude da lei de causa e efeito, a sabedoria divina os coloca junto a criatura tão vigilante e cobradora, mostrando-lhes, ao longo de uma vida, quanto custa desmerecer a confiança daqueles que se nos entregam o coração.

Moças que se casaram acalentando sonhos dourados e que jamais pensaram em se interessar por outros homens que não o seu marido, de repente podem se ver cerceadas e até absurdamente acusadas por maridos tiranos, de personalidade distorcida, trazendo, quem sabe, traumas de uma infância sofrida, com pais desajustados... Essas, que muitas vezes se fazem heroínas de paciência e auto-renúncia, em favor da paz familiar, podem estar se redimindo de infelizes episódios de existências anteriores, em que arruinaram algumas vidas com sua inconstância afetiva.

Concluindo, vemos que é de toda conveniência que os cônjuges procurem se educar permanentemente para terem e concederem liberdade ao parceiro, sem que venham a abusar dela. Todavia, o simples fato de se ter um cônjuge ciumento, bem como portador de outros defeitos morais de que ainda não tenha conseguido se libertar, não pode ser, exceto em casos extremos, alegação para se justificar o abandono do lar e a separação. Necessário pensar em toda a extensão das conseqüências com relação a filhos, outros familiares envolvidos e a si próprio. Muitos que se separam por não suportarem certos defeitos do cônjuge, mais cedo ou mais tarde podem chegar àquela melancólica conclusão: "ruim com ele, pior sem ele".

Vida Conjugal – Umberto Ferreira

3.2.2. Infidelidade

Quando o homem e a mulher decidem casar-se, assumem o compromisso de cultivar a fidelidade por toda a vida, mas muitos não o cumprem. Este número é bem maior entre os homens do que entre as mulheres. Na atualidade, o percentual de homens infiéis é bem maior do que o dos fiéis.

Em muitos casos, a infidelidade não traz maiores problemas, mas, em alguns, provoca situações verdadeiramente dramáticas, não só em relação à mulher, como também ao homem, com repercussões para o resto da vida.

A vítima da infidelidade, seja homem ou mulher, fica seriamente lesada em sua sensibilidade. Algumas se desestruturam totalmente, outras entram em depressão profunda ou se desequilibram completamente, necessitando de tempo mais ou menos longo para readquirir o equilíbrio. E o causador contrai um débito perante a justiça divina.

As conseqüências do ato infeliz, muitas vezes, se estendem às existências futuras, porquanto não se rompe impunemente um compromisso afetivo.

Por mais que tente, o infiel não consegue evitar mudanças no relacionamento conjugal, em virtude de sentir a consciência culpada. Como pode um homem que teve relacionamento íntimo com uma amante ser terno com a esposa, como se lhe fosse totalmente fiel? Da mesma forma, como pode a mulher ser carinhosa com o marido, após ferir a própria consciência num ato de infidelidade?

O infiel lesa moralmente o cônjuge e a si próprio. Nesta época em que vivemos, não é somente por questões psicológicas, espirituais ou morais que se deve conservar a fidelidade, mas também por razões de saúde, porquanto há várias doenças transmitidas sexualmente que a comprometem. Entre elas, a mais grave é a AIDS, para a qual ainda não existe tratamento eficiente.

Quais são as causas da infidelidade?

São bastante variadas e dependem da formação moral da pessoa e de determinadas circunstâncias.

O homem, que tem uma formação moral deficiente e com forte tendência para a infidelidade, costuma romper com os compromissos matrimoniais logo nos primeiros anos de vida conjugal. A educação deficitária, sob o ponto de vista cristão, lhe permite considerar como natural a experiência extraconjugal para o homem. É o pensamento marcadamente machista que predominou até recentemente. De acordo com esta concepção, o homem tinha o direito de ser infiel, mas a mulher não podia sequer pensar nisto.

Não são, entretanto, apenas estes tipos de homem que estão sujeitos à infidelidade. Também os que têm uma melhor formação, porquanto são muitas as oportunidades no mundo moderno. Só os que têm princípios muito bem consolidados resistem a tais arrastamentos.

Contribuem para este tipo de deslize as crises na vida conjugal, as brigas constantes, a indiferença, etc. esta situação leva os cônjuges a se sentirem infelizes, o que cria condições para o rompimento dos compromissos conjugais. Encontrando, então, uma pessoa que lhe dê atenção e carinho, o homem corre o risco de ceder, de se envolver afetivamente. Também a mulher está sujeita a seguir o mesmo caminho, se a vida a dois não vai bem. Em nossa sociedade, porém, ela resiste por mais tempo e é mais reservada. Ela se expõe menos. A maioria das mulheres tende a se resignar e rejeita sistematicamente a idéia de se tornar infiel. Prefere sacrificar-se e conservar os seus princípios. Muitas, porém, encontrando um homem mais atencioso, que lhes dê carinho, acabam cedendo.

Uma parcela significativa dos homens se tornam infiel depois que os filhos já estão criados. Para isto contribui não só a redução das preocupações com eles, como também a diminuição dos encantos da mulher, no aspecto físico. Isto para os homens que valorizam quase que exclusivamente a aparência da mulher, esquecendo-se de suas qualidades intelectuais e morais. Com a mulher costuma ocorrer diferente. Ela valoriza mais as qualidades do homem que os seus dotes físicos.

Concorre também para criar as condições favoráveis para a infidelidade a convivência com outra pessoa, de forma mais íntima, seja no trabalho ou em outras atividades, inclusive as de natureza religiosa. Há muitos casos de religiosos que se envolveram afetivamente desta forma. De modo geral, quando descobrem, já estão comprometidos emocionalmente, necessitando de uma potente força de vontade para se desvincularem. O sentimento vai crescendo sornateiramente, sem que o percebam. Isto não constitui motivo para que um homem e uma mulher não convivam no trabalho ou na atividade espiritual, porquanto existe uma medida eficaz para evitar que isto aconteça: é não permitir o relacionamento exclusivista e universalizar o sentimento; é um encarar o outro como companheiro de trabalho ou de atividade religiosa.

Um aspecto do problema que não pode ser esquecido é o do conquistador ou conquistadora, que procuram identificar a carência do outro e atacam por este ponto. O *dom-juan* usa esta tática. Ele procura envolver a mulher que deseja conquistar pelo seu ponto fraco. Se percebe que ela é carente de atenção, procura se tornar extremamente atencioso. Se descobre que é carente de carinho, envolve-a com este tipo de afeto até conquistá-la.

Não podemos deixar de citar também a influência dos encarnados por espíritos obsessores, que procuram incentivar o envolvimento emocional das pessoas, muitas vezes com o objetivo de desarticular os seus lares, ou de um deles.

3.2.3. Influência de espíritos na vida conjugal

Todos sofremos influência dos espíritos. Os bons nos inspiram pensamentos elevados e atitudes sensatas; os maus nos influenciam para o mal. Nossos pensamentos e atos definem nossas companhias espirituais. Entre os espíritos atrasados, encontram-se algumas vítimas nossas do passado, que procuram as mais diversas formas de nos causarem sofrimento, satisfazendo, assim, os seus desejos de vingança. Para isso procuram conhecer-nos bem para descobrir nossos pontos fracos, a fim de conseguir mais sucesso nas suas investidas. Segundo Tiago, “cada um é tentado segundo a própria concupiscência”, ou seja, conforme as más tendências.

Muitos casamentos fracassam devido a essas influências nocivas de espíritos de natureza má, que começam de forma sutil, sorrateira, evoluindo para verdadeiros processos obsessivos que comprometem irreversivelmente a união conjugal.

Tanto a vítima da obsessão quanto o cônjuge, na maioria das vezes, nada percebem, porquanto os obsessores não criam o mal na vítima; apenas identificam as tendências e as estimulam de forma intensa e persistente, procurando exacerbá-las.

O obsidiado, conhecendo as próprias fraquezas, acha que tudo vem dele mesmo e se julga o único responsável pela situação nova que está vivendo. Ao invés de redobrar a vigilância, o que faz é dar vazão aos maus instintos e vai se envolvendo cada vez mais até chegar a uma situação quase irremediável.

Entre as várias conseqüências da ação obsessiva, a que ocorre com mais freqüência é a infidelidade conjugal, deslize cometido em maior porcentagem pelo homem que pela mulher, na atualidade. Os espíritos obsessores sondam os pensamentos mais íntimos do indivíduo visado procurando identificar a tendência para a infidelidade. Constatando-a, passam a alimentá-la, através de sugestão mental. Em seguida, pesquisam alguma pessoa, que por ele sente alguma atração e que igualmente apresente necessidades afetivas ou determinados desejos sensuais. Dando continuidade ao “trabalho”, passam a influenciar os dois, facilitando os encontros e procurando despertar a afetividade. Os obsessores não perdem a oportunidade de sugerir novos pensamentos, verdadeiras idéias fixas, que criam as condições para a união sexual infiel, que se consuma em clima de grande emotividade, pela carga adicional dos obsessores. Segue-se um período de grandes prazeres que, entretanto, não é longo. Passada a fase de júbilo, de grandes satisfações, os obsessores mudam de tática. O que lhes interessa é o sofrimento das vítimas e não a sua felicidade. Sem a ajuda deles, as grandes emoções se reduzem, restando à vítima apenas a desilusão, a consciência do grande engano cometido.

Costuma os perseguidores espirituais explorar também os problemas conjugais, como a dificuldade de relacionamento, a falta de correspondência no sentimento, a indiferença sexual, as frustrações, etc. Escolhem o mais acessível para assediar, tentando convencê-lo de que não precisa agüentar aquela vida, que pode ser muito feliz com outra pessoa. Alimentam nele a idéia de que é vítima e que a separação é a única solução.

Essas entidades atrasadas são auxiliadas pelos maus pensamentos de encarnados, sobretudo por aqueles que cultivam o lamentável sentimento de inveja, e pelas suas más companhias espirituais, que se predispõem a auxiliar os obsessores em seus maldosos propósitos.

Eis porque o casal deve cultivar o Cristo no lar. O trabalho persistente na Seara do Bem, a oração constante e a harmonia em casa são recursos de valor inestimável para proteger a família da investida dessas entidades infelizes. Não foi por acaso que Jesus nos exortou dizendo “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação” (Mat. 26:41).

Vida Conjugal – Umberto Ferreira

3.3. Defeitos

Todas as pessoas apresentam defeitos e qualidades. Nossa vinda à Terra tem como principal finalidade corrigir as imperfeições morais e conquistar o progresso intelectual e as virtudes. É uma grande

ilusão pretender conseguir uma mulher ou um marido sem defeitos, embora não se tenha dúvida de que existem pessoas com menos defeitos do que outras.

Os defeitos das pessoas que vivem mais próximas de nós são notados com maior frequência, porque inevitavelmente eles se evidenciam no dia-a-dia. Não vemos tantos defeitos nos outros por não estarmos convivendo com eles diariamente. Para conhecermos melhor uma pessoa, basta convivemos com ela mais intimamente. É por essa razão que o homem ou a mulher vêem mais defeitos na esposa ou no esposo do que nas outras pessoas. Se convivessem com elas diariamente, descobririam que também estão cheias de imperfeições.

Não há, portanto, outra alternativa senão aceitar a esposa ou o esposo como é.

Sem dúvida, o cônjuge pode ajudar o outro a combater seus defeitos. Mas essa ajuda precisa ser dada com muito cuidado, de forma amiga, respeitosa, longe de terceiras pessoas, para não ferir a sua sensibilidade.

Uma atitude profundamente infeliz, deselegante, é a de corrigir as falhas da esposa ou do marido em público, ou de comentar sobre elas com amigos ou parentes. Isso humilha, fere e nada ajuda. Pelo contrário, compromete o relacionamento do casal.

Outro hábito negativo, anticristão, é o de usar palavras ou expressões depreciativas, como, por exemplo, “burra”, “cabeça dura”, “ignorante”, quando um se refere ao outro. Aí incluímos também as brincadeiras de mau gosto.

É muito elegante e humano o marido exaltar as qualidades da esposa e vice-versa e é o que todo casal deveria fazer sempre. Como é bonito observar uma esposa dizer: “Meu marido é tão bom e compreensivo!” ou o marido afirmar: “A fulana é tão carinhosa!”.

Hábito positivo também é o de prestar atenção sempre no lado bom do cônjuge. Isso ajuda a despertar naquele que assim age bons sentimentos para com a companheira ou o companheiro.

Vida Conjugal – Umberto Ferreira

3.4. Harmonização na vida familiar

- Por que são tão raros os casais que vivem em perfeita harmonia?

- O relacionamento entre os parceiros da vida íntima do lar, na essência, é uma escola ativa de aperfeiçoamento do espírito. Até que duas criaturas alcancem o amor integral, uma pela outra, é compreensível o atrito, visando o burilamento recíproco.

Entender Conversando – Emmanuel

- Como superar as divergências, a caminho de uma harmonização na vida familiar?

- O primeiro passo, o mais importante, é superar o comportamento egoístico. Mudar a conjugação, no verbo de suas ações. Nunca na primeira pessoa do singular, **eu**; sempre na primeira do plural, **nós**. Que sejam almas gêmeas nesse empenho e viverão felizes.

- Como ser feliz no casamento?

- Sendo feliz antes dele. A felicidade é uma realização pessoal que pede esforço por entender os objetivos da existência humana e empenho por cumprir os desígnios divinos. Pessoas felizes, que cumprem a vontade de Deus, fazem casamentos felizes.

Não Pise na Bola – Richard Simonetti

O matrimônio é um curso de aperfeiçoamento dos espíritos que, no cadinho do lar, se despojam de suas mazelas.

O lar é fonte de renovação espiritual.

O reencontro de almas que devem amor entre si é um processo natural de maturação dos sentimentos sublimes que dormem no fundo de nossas almas.

No lar se cumpre a lei da reencarnação, qual se fosse um filtro sagrado a depurar-nos das paixões em que nos enredamos em passado próximo ou remoto.

A Lei do Amor nos estimula.

Se o casamento, contudo, se revelar difícil, problemático, convém saber que tal situação decorre de nossas próprias necessidades evolutivas e é produto de nossa própria escolha.

Em verdade, o casamento é uma chamada do parceiro ou parceira de ontem, para os ajustes e reajustes afetivos que nos irmanarão na bênção do lar.

Os conflitos entre os casais denunciam pois, acima de tudo, apenas ausência do Evangelho no Lar.

O Evangelho nos dará tolerância e um sentido mais amplo de compreensão, de renúncia, de piedade, caridade e fraternidade legítimas.

Se Jesus nos convida a perdoar os nossos inimigos, fazendo o bem a quem nos faça o mal, com isso Ele nos investe nos deveres do perdão incondicional dentro do lar.

Aceite que não somos tão virtuosos.

Assim, compreenderemos que, nos eventuais desencontros dentro do casamento, todos temos parcelas de culpa e ninguém é inocente por inteiro.

Perdoemo-nos mutuamente.

Filhos, Como Educá-los – Roque Jacintho

4. Adolescência

4.1. Características da adolescência

A adolescência é a fase da vida que vai dos 12 aos 18 anos, aproximadamente, para a mulher, e dos 13 aos 20 anos, para o homem. É uma fase extremamente importante da vida, porque é neste período que se estrutura a personalidade e se manifestam as vocações.

A adolescência se inicia com a puberdade, quando profundas mudanças ocorrem no organismo, com conseqüência do início da produção de hormônios sexuais, que, juntamente com o hormônio do crescimento, aceleram o crescimento, transformando rapidamente a criança em adulto.

No início da adolescência, o crescimento é acelerado. Os ossos se alongam muito rápido. Como conseqüência, os jovens perdem parcialmente a noção de distancia e se tornam desengonçados para andar e costumam esbarrar nas coisas, derrubando-as. Os pais costumam atribuir isto à falta de cuidado dos jovens, mas eles mesmos não entendem o que esta acontecendo.

Os adolescentes costumam ser inseguros, inquietos, emocionalmente instáveis e se irritam com muita facilidade. Gostam de movimento e rejeitam o que é muito quieto e silencioso. Preferem música mais movimentada e, às vezes, barulhenta. Não gostam de seguir a moda e, quase sempre, sentem certa satisfação em usar roupas diferentes e os cabelos ao contrário do que os adultos estão usando.

A maioria dos adolescentes não rejeita a companhia dos adultos, mas preferem a de outros jovens. Alguns não gostam de conversar com adultos, mas se abrem com facilidade com outros adolescentes.

Os adolescentes costumam rejeitar as normas rígidas da sociedade e suas tradições e, freqüentemente, passam a contestá-las de forma agressiva e desafiadora. Isto acontece com a religião, sobretudo quando têm normas rígidas e adotam uma postura claramente moralizadora

Por causa da instabilidade, não sabem, com certeza, o que querem, mudando muito de opinião, num curto espaço de tempo.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

A adolescência, ou seja, o período de transição entre a infância e a idade adulta é, sem a menor dúvida, aquele em que mais difícil se torna o relacionamento entre pais e filhos.

É que, nessa fase da vida, todo adolescente se defronta com uma série de situações antagônicas, tanto externas como internas, que o confundem, o irritam e o magoam, fazendo com que se mantenha em permanente estado de beligerância com o mundo que o cerca e ... consigo próprio.

No lar, principalmente, ora não lhe permitem certas coisas porque - dizem - "ainda é uma criança"; ora, ao contrário, exigem dele que seja ajuizado e responsável, eis que, afinal, "já não é mais criança". Por outro lado, o adolescente deseja e se esforça para pensar, optar e agir por si mesmo. Sentindo-se, entretanto, bastante inseguro, vê-se forçado a apelar para a ajuda e o apoio de pessoas mais velhas, e se estas pessoas forem pouco hábeis no trato com ele podem tornar odiosa tal dependência.

O mesmo acontece no terreno das emoções. Malgrado suas atitudes arrogantes com os pais, de cujos cuidados, amiúde, chega a fazer zombaria, no fundo, no fundo, necessita e deseja que eles continuem a protegê-lo, pois sabe que não têm, ainda capacidade suficiente para auto-governar-se. Destarte, embora se constranja quando os pais se mostrem muito solícitos e preocupados com o que possa estar lhe acontecendo, mormente diante de terceiros, na verdade sua alma transborda de júbilo porque isso lhe dá certeza da afeição paterna.

A propósito, cumpre frisar que a vigilância dos pais, moderada e discreta, é mais necessária nesta fase da existência do filho que em qualquer outra, já que uma liberdade ilimitada seria extremamente perigosa para jovens inexperientes que ainda não aprenderam a fazer bom uso dela.

Aspecto curioso da adolescência: tanto o rapazinho como a moçoila, cujos anseios de auto-afirmação e independência os levam a desobedecer e a desafiar os pais. Mesmo que estes sejam razoavelmente "avançados" e não se mostrem nada rígidos em questão de disciplina, paradoxalmente, procuram imitar e seguir à risca gestos, linguagem, moda e até vícios da "jovem guarda" em evidência e se, por este ou aquele motivo, não possam, por exemplo, usar o mesmo penteado ou o mesmo tipo de roupas dos seus ídolos, consideram-se as pessoas mais infelizes do mundo.

A par disso, o adolescente começa a se preocupar, também, com tudo o que diga respeito aos componentes da família. Orgulha-se se esta goza de bom conceito na sociedade, se o pai possui um automóvel de alta classe, se a mãe prima pela elegância, se os irmãos se portam educadamente, etc... custa-lhe suportar, porém, que o pai não saiba comer corretamente à mesa, que a mãe tenha maneiras vulgares ou que os irmãos andem sujos e despenteados.

Não é só. Nessa idade, percebemos que os pais nada têm de sábios nem de santos, como lhe parecera na infância, decepçiona-se com a ignorância deles e o que é pior, com suas imperfeições morais. Incapaz então, de suportar a humilhação e a revolta que isso lhe causa, passa a afrontá-los com atitudes irônicas e agressivas.

Egoísta e sensível, o adolescente se contraria à toa queixando-se freqüentemente de não ser compreendido por ninguém, chora por ninharias, chegando não raro, até a desconfiança de não ser filho legítimo.

Coisa importante, que os pais precisam se dar conta é que, tal qual ocorre na infância e na meninice, também na adolescência o filho precisa sentir-se aceito e amado pelo meio em que vive, principalmente pela família.

Se não lhe dispensarem atenção, se o ignorarem como se não existisse, se lhe derem a entender que é menos inteligente ou menos virtuoso que os irmãos, se o ferirem com injustiças, se o tratarem com excessiva severidade, e, sobretudo, se zombarem dele por causa das transformações que se operam em

seu corpo ou em sua voz, e, em especial, por causa de seus novos interesses, como vida social, namoro, etc, de duas uma: ou se tornará uma criatura fechada, triste, desmazelada, sem confiança em si mesma, desprovida de iniciativas, (características da auto-rejeição), ou buscará, desesperadamente, alguma compensação fora do lar. E esta, tanto poderá ser a amizade de colegas que lhe queiram bem sem restrições, um romance com a primeira pessoa que dele se acerque, ou ainda a iniciação em vícios (fumo, bebida, sexo, tóxicos etc), o que poderá acarretar implicações muito desagradáveis para todos.

A política que melhor convém a pais de adolescentes, se desejarem captar-lhes a estima, o respeito e a obediência, consiste em procurar compreendê-los, ajudando-os a vencer as dificuldades inerentes a essa etapa de seu crescimento, em usar de infinita paciência para com eles e em ser condescendentes com as coisas secundárias, reservando as exigências apenas para aquilo que seja essencial à sua boa formação intelectual, moral e espiritual.

Vida em Família – Rodolfo Calligaris

4.2. *Diálogo com adolescentes*

No relacionamento com os adolescentes, o diálogo é o grande recurso. É também o principal instrumento de que os pais dispõem para educá-los.

Como já afirmamos, bater e castigar não são recursos adequados na adolescência.

Para produzir os resultados desejáveis, o diálogo, precisa ser muito bem conduzido, o que requer paciência por parte dos pais e outras pessoas que lidam com eles. É preciso ouvi-los atentamente sem impaciência. O adolescente tem muitas idéias e boa intenção. Achar que ele não tem competência para discernir a verdade do erro e que estão sempre com más intenções é um grande equívoco. Mas para saber o que eles pensam é preciso deixá-los falar e ouvi-los. Não é prudente prejudicá-los.

O ideal é que as pessoas se sentem para conversar, mas isto não pode ser exigido dos adolescentes. Eles, muitas vezes, preferem andar de um lado para outro enquanto conversam. Isto não pode se constituir em motivo de recriminações, é preferível aceitá-los assim, lembrando que é uma fase que passa.

Dizer um "Não" bruscamente para um adolescente não é recomendável. Eles costumam contrariar-se imediatamente e reagir, às vezes, agressivamente. É preferível argumentar pacientemente, levando-os à conclusão de que não devem fazer tal coisa, sem dizer não.

Os adolescentes costumam reagir, dar murros no ar, falar um pouco mais alto, bater portas e até xingar, quando contrariados, muitos pais, insistem no diálogo neste momento e passam a censurá-los por causa deste comportamento. Esta não é também uma medida adequada, porque os adolescentes podem perder o controle emocional e a conversa se tornar ríspida e agressiva. É preferível deixá-los acalmar e fazer vista grossa para este comportamento, continuando o diálogo em outro momento, quando eles estiverem mais calmos.

O diálogo com os adolescentes deve ser lógico e convincente. Usar sempre a força da argumentação ao invés de recursos autoritários que só pioram o relacionamento entre pais e filhos.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

4.3. *Liberdade para os jovens*

Se a liberdade só deve ser concedida às crianças com critérios, estes precisam ser mais rigorosos, quando se tratar de adolescentes. É muito perigoso conceder-lhes liberdade total. Por outro lado, restringi-lhe demais a liberdade pode gerar a revolta.

A liberdade deve ser concedida aos jovens progressivamente, à medida que vão demonstrando responsabilidade. A melhor forma de observá-los é dar-lhes a liberdade de fazer coisas de menor

importância e verificar se demonstram responsabilidade, se agem com cuidado, se retornam no horário combinado, se se comportam de modo correto, se correspondem às expectativas, podem receber mais liberdade. E assim por diante.

Para se negar aos adolescentes a liberdade de fazer coisas de maior responsabilidade e que exigem maturidade, sem que eles se revoltam, o melhor jeito de agir é fazer concessões, permitindo que façam outras de menor gravidade. Por exemplo, para negar-lhes autorização para freqüentar boates, os pais podem autorizá-los a ir a festas nas casas dos amigos.

Com relação à liberdade com os namorados por parte das filhas adolescentes, os pais precisam agir com muito equilíbrio. Não é prudente deixar uma filha de treze anos sair sozinha com um namorado que os pais não conheçam bem. Por outro lado, pode ser rigor excessivo proibir que uma jovem de dezesseis a dezessete anos saia sozinha com o namorado que os pais conhecem bem e sabem que se trata de moço equilibrado e responsável, sobretudo se a moça recebeu sólida educação sexual. Impedir que fiquem sozinhos, quando estão namorando, costuma não ser uma medida necessária. Eles costumam ficar contrariado, por não poderem ter privacidade para namorar.

Os pais temem muito que suas filhas tenham relações sexuais e engravidem, se ficarem a sós com os namorados, sobretudo se saírem sozinhos, este risco diminui muito, quando os pais cuidam com esmero da educação sexual dos filhos.

Os adultos costumam pensar que os jovens estão sempre pensando em fazer coisas erradas. Isto pode acontecer com jovens criados livres nas ruas, sem o amparo de um lar ajustado. Mas os jovens oriundos de lares equilibrados e que recebem educação adequada são bem intencionados. Não é justo julgá-los desta forma.

Não há um padrão único de conduta em relação aos filhos, à concessão de liberdade. Só o conhecimento e o acompanhamento de cada um nos permite conhecê-los, de modo a conceder-lhes a liberdade de acordo com a responsabilidade e maturidade.

Com relação aos filhos que já saíram da adolescência, os maiores de vinte anos, o comportamento deve ser diferente. Os jovens desta idade sabem muito bem separar o que é certo do errado. Tratá-los como se fossem adolescentes e imaturos não é conduta conveniente. Ele já tem maturidade para se autodeterminarem. Não é prudente controlá-los, pensar por eles como se fossem ainda imaturos. É preciso respeitá-los e tratá-los como adultos, que realmente são. É evidente que os pais podem orientá-los, fazer-lhes ponderações, mas não impor seus pontos de vista, exigir que façam um relatório dos lugares por onde andaram.

Há muitos conflitos entre pais e filhos maiores de vinte anos, que resultam do tratamento que os genitores lhes dão, como se fossem eternos menores. É evidente que não nos referimos aos filhos que criam problemas em casa por não respeitarem o espaço dos pais e dos demais membros da família. Se os pais têm o dever de respeitar os filhos, estes têm o maior ainda de respeitar os pais.

Em se tratando de liberdade do ser humano, não se pode esquecer que a liberdade de um termina onde começa a liberdade do outro. Na família, os adultos, as crianças e os jovens têm o direito de ter o seu espaço. E cada um tem o dever de respeitar o espaço dos outros. Só assim se pode ter uma família harmoniosa.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

4.4. Nove recomendações aos pais

Da revista "Seleções do Reader's Digest", de novembro de 1967, extraímos dez recomendações que o Juiz Leo B. Blessing costumava dar aos pais.

OBS.: AS NOTAS EXPLICATIVAS SÃO MINHAS

- **Estimule as confidências de seu filho, mas não as exija**

É ideal que os filhos confiem nos pais e lhes falem sobre as suas dúvidas e problemas. Isso permitirá aos genitores orientá-los na hora certa. Os pais não podem exigir que eles confiem tudo. Há coisas que eles preferem não contar nem mesmo aos pais.

- **Evite comparações entre os seus filhos**

Como os filhos não são iguais, as comparações evidenciam as diferenças e o filho que se sente inferior ou menos competente costuma revoltar-se.

- **Dê um bom exemplo para ser seguido por seus filhos**

Os pais se constituem em verdadeiro espelho para os filhos. Se querem que os filhos sigam o bom caminho, devem mostrar-lhes, através da própria conduta, como agir para ser um homem de Deus.

- **Procure ver seu filho como os outros o vêem**

Os pais devem procurar conhecer os seus filhos e vê-los como eles realmente são, com os defeitos e virtudes. Assim poderão melhor orientá-los.

- **Não tente ser um camarada dos seus filhos – seja um pai**

Os pais não podem pretender ocupar o espaço dos amigos e companheiros dos filhos. Os jovens preferem os de sua geração. Embora amigos dos filhos, os pais devem continuar como pais.

- **Aja em harmonia e coerentemente**

O pai e a mãe devem entrar num acordo sobre a educação e orientação dos filhos. Também sobre a disciplina.

- **Aplique a disciplina apenas para corrigir a criança, não para puni-la**

O objetivo dos pais deve ser sempre a melhoria dos filhos e, portanto, devem estar preocupados em educar os filhos. A punição quase sempre gera a revolta. A disciplina, para corrigir, é necessária.

- **Deixe que o seu filho procure o seu nível próprio**

Os pais devem estimular os seus filhos a estudar muito, adquirir cultura, exercer uma profissão nobre e ter uma conduta ilibada, mas não podem exigir, a qualquer preço, que seus filhos conquistem tudo isto. A sociedade não necessita apenas de profissionais de nível superior. E nem todo mundo tem vocação para viver debruçado sobre livros.

- **Anime seu filho a realizar as suas ambições**

Os pais devem estimular os seus filhos a realizar os seus projetos, os seus ideais, respeitando-lhes a escolha e dando-lhes o apoio necessário. Os filhos têm o direito de realizar os seus próprios sonhos; não os dos pais. A não ser que coincidam.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

4.5. Mensagem aos jovens

- Num país jovem como o nosso, qual a mensagem que o senhor deixaria para os jovens?
- Sempre acreditei que sem estudo e disciplina, trabalho e responsabilidade é impossível construir um futuro melhor para a comunidade humana.

Entender Conversando – Chico Xavier / Emmanuel – pág. 127

5. Relacionamento conjugal

5.1. Pontos importantes

5.1.1. Diálogo

O casamento começa a correr perigo quando os cônjuges “perdem a camaradagem e o gosto de conversar”, como nos adverte Laura em “Nosso Lar”, de André Luiz.

A primeira condição para o sucesso do diálogo está em saber ouvir. O risco de fracassos no entendimento do casal começa quando um não tem paciência de ouvir o outro calmamente, permitindo que exponha as suas idéias integralmente, a fim de que possa fundamentar bem a sua argumentação. A falta de paciência nessa hora compromete o entendimento e deixa aquele que não conseguiu expor as suas razões freqüentemente magoado, decepcionado, o que pode influir no próprio relacionamento do casal.

O local para o diálogo precisa ser mais reservado. Não é bom dialogar no meio de outras pessoas, junto a aparelho de televisão ligado, ou quando um está lendo. É ideal sentar-se um de frente ao outro, olhando nos olhos, com toda a atenção voltada para o assunto que estão abordando, sem outras interferências. É como fazemos quando um amigo nos visita. Não se pode dialogar estando cada um num cômodo diferente, ou tendo um que estar correndo atrás do outro.

O tom de voz deve ser baixo, respeitoso, sem gritaria. O que ouve não pode exteriorizar impaciência, contrariedade, mau humor, porque isso perturba o que está falando.

É de toda conveniência, para a harmonia do casal, que tanto o marido quanto a mulher reservem sempre tempo para conversar, seja à noite, seja nos fins de semana. É muito comum o casal não achar esse tempo, ficando envolvido com o trabalho, serviço de casa, compromissos sociais, televisão, leitura de jornal, etc. O tempo passa e o diálogo fica cada vez mais raro. É preciso estar muito atento para que isso não aconteça.

Vida Conjugal – Umberto Ferreira

O diálogo é a essência do lar.

Observe, pois, que a mulher e o homem devem respeitar-se mutuamente, longe daquelas atitudes de indiferença e alheamento.

Se a mulher, no lar, falar dos filhos e das questões domésticas, o marido não deverá deixar de dar-lhe toda a atenção, já que ele não deverá refugiar-se em negócios e dificuldades profissionais.

Se o marido, no lar, falar de suas dificuldades no dia a dia e nas suas questões profissionais, a mulher não deverá deixar de dar-lhe toda atenção, já que ela não deverá refugiar-se tão só no jogo da moda e nas suas preferências particulares.

Interessem-se, ambos, um pelo outro.

Filhos, Como educá-los – Roque Jacintho

INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS

1. *Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra. (S. Mateus, cap. V, v. 4)*
2. *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. (Id., V. 9)*
3. *Sabeis que foi dito aos antigos: Não matareis e quem quer que mate merecerá condenação pelo juízo. – Eu, porém, vos digo que quem quer que se puser em cólera contra seu irmão merecerá condenado no juízo; que aquele que disser a seu irmão: Raca, merecerá condenado pelo conselho; e aquele que lhe disser: És louco, merecerá condenado ao fogo do inferno. (Id., V. 21 e 22)*
4. Por estas máximas, Jesus faz da brandura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência, uma lei. Condena, por conseguinte, a violência, a cólera e até toda expressão descortês de que alguém possa usar para com seus semelhantes.

5.1.2. Saber ceder

A harmonia conjugal depende tanto do esposo quanto da esposa. Ambos têm que ceder um pouco. Nenhum pode querer que a sua vontade prevaleça, nem que todos os seus gostos sejam satisfeitos. Cada um tem a sua personalidade e a sua consciência, que precisam ser respeitadas.

É muito difícil viver em harmonia quando um dos cônjuges age egoisticamente, isto é, exigindo que o outro se anule para que tudo seja feito de acordo com a sua vontade. O egoísmo tem sido o culpado do fracasso da grande maioria dos casamentos. Ninguém pode tornar a mulher ou o marido escravo dos seus caprichos pessoais. No início do casamento, é possível suportar uma situação como esta, mas com o tempo, o relacionamento entre os dois começa a deteriorar-se até tornar impossível a convivência. Isto é válido para assuntos de casa, alimentação, roupas, músicas, leituras, passeios, visitas, religião, trabalho, etc. Não podemos estabelecer padrão de vida para outrem, mesmo que seja a esposa ou esposo. Não há como exigir que um tenha os mesmos gostos do outro.

Há homens que limitam a liberdade da esposa, impedindo-a de trabalhar fora e de sair de casa. Imaginam seja correto agir assim. Essa atitude não tem apoio nas leis humanas, nem nas divinas. Os próprios espíritos nos ensinam que os direitos do homem e da mulher são iguais. Nenhum pode cercear a liberdade do outro. O casamento pressupõe responsabilidades recíprocas; não subjugação de uma parte sobre a outra. Não dá ao homem o direito de decidir sozinho se a mulher pode ou não ter o seu trabalho fora de casa, se é obrigada a seguir a sua religião, que roupas deve vestir, etc., como não confere à mulher o direito de decidir sobre a vida do marido.

Sem dúvida, cada um pode opinar sobre todas as coisas que digam respeito à vida de ambos, mas não pode impor os seus pontos de vista, sem violar um dos direitos naturais da criatura humana. É muito melhor decidir tudo em conjunto, dialogando sempre, cedendo no que for possível. E esse entendimento se torna fácil quando um pensa mais na felicidade do outro que na sua própria. Em outras palavras, quando age de forma contrária ao egoísmo.

Vida Conjugal – Umberto Ferreira

O EGOÍSMO

11. O egoísmo, chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral obsta. Ao espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la ascender na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. Digo: coragem, porque dela muito mais necessita cada um para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros, que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno. É a negação da caridade e, por conseguinte o maior obstáculo à felicidade dos homens.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XI

O PROBLEMA DO CÔNJUGE QUE NÃO GOSTA DE SAIR

Freqüentemente os casais se queixam de um dos cônjuges que não gosta de sair de casa. Ora é o marido que gosta de reuniões sociais, de diversões ou de visitar um amigo ou parente; ora é a mulher que não acompanha o esposo. Esse tipo de comportamento, às vezes, afeta o relacionamento conjugal, quando aquele que gosta de sair não se acomoda à situação, ou o outro não luta contra o seu modo de ser e procura acompanhar o que sai.

O problema cresce quando um exige que o outro se viole para se adaptar ao seu modo de ser. Nesse caso, o que se sacrifica, muitas vezes, fica irritado, frustrado, desiludido, por não aceitar a situação.

Como resolver o problema?

Aqui, como em várias outras situações, a melhor solução é a que resulta do entendimento. O sacrifício não pode ser de um lado só. Deve ser um pouco de cada um. Cada qual cedendo um pouco estará contribuindo para superar as dificuldades. O que gosta de sair poderá ceder reduzindo as saídas; o que não gosta, igualmente colaborará acompanhando o outro sempre que tiver condições.

Alguns casais resolvem o problema de outra forma: cada um faz o seu programa como gosta. O que adora ficar quieto age como prefere, o outro visita os parentes e amigos e participa de aniversários, casamentos, etc. Se ambos aceitam essa situação naturalmente, não há maiores inconvenientes. Quando, porém, um dos dois não aceita, as conseqüências negativas costumam aparecer.

O ideal, pois, é o entendimento, buscando cada um a felicidade do outro.

5.1.3. Romantismo

Toda criatura necessita de amar e receber amor. Engana-se o cônjuge que julga que o outro não precisa deste sentimento. Sem dúvida, o amor é o grande sustentáculo da união conjugal.

No período do namoro, noivado e início do casamento, o casal costuma conservar relacionamento bastante romântico. Mas, após essas fases, a grande maioria deixa que o romantismo diminua ou mesmo acabe. Raros o conservam a vida toda.

Tem alguma causa o esfriamento do romantismo ou é um fato natural e inevitável? Sem dúvida, há várias causas. A mais comum é descuido por parte do homem e da mulher, que se deixam envolver pelas atividades diárias. Mas há outras: decepções, indiferença, desprezo, falta de diálogo, egoísmo de um dos cônjuges, grosseria, maus tratos, infidelidade, etc.

A preservação do romantismo é indispensável à consolidação da vida conjugal. Ele é como uma planta que necessita de adubo para manter-se sempre viçosa.

A mente tem papel importantíssimo neste assunto. Podemos cultivá-lo usando os recursos poderosos que ela tem.

Se ela está voltada constantemente para a pessoa amada, nosso sentimento para com ela aumenta. Jesus nos ensina que onde está o nosso tesouro, aí está também o nosso coração. É uma grande e sábia verdade.

Se um cônjuge considera o outro o seu tesouro, com ele estará o seu coração e toda a sua afetividade estará voltada para ele. Para alimentar este sentimento, é importante que um pense no outro sempre que possa. Se os pensamentos forem acompanhados de ternura, tanto melhor.

Se o marido está no trabalho e, ao voltar para casa, pensa na esposa com ternura, ao chegar, estará calmo e terá todas as condições psicológicas de ser carinhoso com ela. Se, ao contrário, não pensa nela, mas apenas em seu trabalho, ou nos amigos, ao invés de desejar voltar logo para casa, preferirá parar em algum local para um bate-papo com eles. Conseqüentemente, não chegará em casa no horário previsto, gerando insatisfação na esposa, que não o receberá com a mesma alegria. Às vezes, simples fatos como esses contribuem para esfriar o relacionamento entre o homem e a mulher.

Também influem muito na alimentação do romantismo pequenos gestos que um pode fazer pelo outro, especialmente o homem, como lembrar das datas importantes para o casal, principalmente a do dia do casamento, presenteando a esposa com flores ou outro tipo de lembrança. A mulher é muito sensível a essas coisas.

Ela gosta muito que o marido enalteça a sua elegância quando usa uma roupa nova, faz um penteado diferente ou usa um perfume agradável. Em verdade, o homem gosta também de elogio por parte da esposa.

Há homens que não dão valor a estas coisas, mas isto é próprio da natureza psicológica da mulher.

Também ela precisa tomar iniciativas para manter a chama do romantismo acesa, procurando ser carinhosa com o marido e não se deixando envolver com os problemas de casa a ponto de não ter tempo para dar atenção a ele. Contribui para esfriar o relacionamento entre os cônjuges a irritabilidade constante da mulher com os trabalhos de casa, os cuidados com os filhos, tornando-se sempre nervosa e deixando que esse nervosismo afete a vida conjugal. É importante que ela também pense no esposo durante o dia e se prepare para recebê-lo, ao fim de seu expediente fora, com gentileza e atenção.

Talvez a maior dificuldade que o casal encontre para conservar o romantismo seja a indiferença por parte de um dos cônjuges. Às vezes um se esforça, toma constantes iniciativas neste sentido, mas o outro não corresponde, não colabora da mesma forma. Não é raro que um certo pressentimento de estar sendo traído nos sentimentos por parte do cônjuge faz com que a esposa ou o marido veja com desconfiança suas manifestações de carinho e apreço. Ainda que a suspeita tivesse algum fundamento, a tentativa de agradar ao cônjuge pode ser uma forma de estar procurando reforçar sua ligação com ele e evitar a tentação de fora, porém a recusa sistemática acaba sendo um desestímulo à fidelidade e suposta justificativa para a alteração afetiva nas almas ainda frágeis.

A situação se torna complicada porque não se consegue cultivar o romantismo unilateralmente por muito tempo. Provavelmente esta seja a razão por que a maioria dos casais perde o romantismo depois de alguns anos de vida a dois.

5.1.4. Amizade

Nem todas as pessoas são românticas. Na verdade, é raro encontrar-se um casal constituído de homem e mulher românticos. Neste caso, fica difícil cultivar o romantismo. O que acontece?

O espírito José Albano retratou, numa trova no livro Família, o que acontece ou deveria acontecer neste caso:

Matrimônio vem de Deus
E é sempre um ajuste assim:
Uma paixão que se acaba
Em amizade sem fim.

Emmanuel escreve:

Não se inquiete o par, à frente das modificações ocorridas, de vez que toda afinidade correta, nas emoções do plano físico, evolui fatalmente para a ligação ideal, a exprimir-se na ternura confiante da amizade sem lindes.

Extinta a fogueira da paixão na retorta da organização doméstica, remanesce da combustão o ouro vivo do amor puro, que se valoriza, cada vez mais, de alma para alma, habilitando o casal para mais altos destinos da Vida Superior.

Vida e Sexo – pág. 42

Por estes esclarecimentos, fica claro que o relacionamento entre os cônjuges, se, na maioria das vezes, não consegue preservar o romantismo do período de encantamento do namoro, tem condições de evoluir para um sentimento maduro, elevado, mais espiritual, caminhando para a “ligação ideal”, que tem por base a “amizade sem lindes”.

Vida Conjugal – Umberto Ferreira

5.1.5. A vida conjugal à luz dos ensinamentos do cristo

As tragédias da vida conjugal costumam povoar a senda comum. Explicando o desequilíbrio, invoca-se a incompatibilidade dos temperamentos, os desencantos da vida íntima ou as excessivas aflições domésticas.

O marido disputa companhias novas ou entretenimentos prejudiciais, ao passo que, em muitos casos, abre-se a mente feminina ao império das tentações, entrando em falso rumo.

Semelhante situação, porém, será sempre estranhável nos lares formados sobre as escolas da fé, nos círculos do Cristianismo.

Os cônjuges, com o Cristo, acolhem, acima de tudo, as doces exortações da fraternidade.

É possível que os sonhos, muita vez, se desfaçam ao toque de provas salvadoras, dentro dos ninhos afetivos, construídos na árvore da fantasia. Muitos homens e mulheres exigem, por tempo vasto, flores celestes sobre espinhos terrenos, reclamando dos outros atitudes e diretrizes que eles são, por enquanto, incapazes de adotar, e o matrimônio se lhes converte em instituição detestável.

O cristão, contudo, não pode ignorar a transitoriedade das experiências humanas. Com Jesus, é impossível destruir os divinos fundamentos da amizade real. Busque-se o lado útil e santo da tarefa e que a esperança seja a lâmpada acesa do caminho...

Tua esposa mantém-se em nível inferior à tua expectativa?

Lembra-te de que ela é mãe de teus filhinhos e serve de tuas necessidades. Teu esposo é ignorante e cruel? Não olvides que ele é o companheiro que Deus te concedeu...

Vinha de Luz – Emmanuel

O êxito do lar depende, fundamentalmente, da observância do Evangelho em família, do Cristo em casa, da proteção espiritual. O culto do Evangelho no lar, realizado uma vez por semana, com a participação de toda a família, em dia e horário definido, é de importância vital.

Os lares que cultivam o Evangelho em casa enfrentam muito menos problema e têm mais harmonia e felicidade.

Vida Conjugal – Humberto Ferreira

6. Problemas familiares

6.1. Rejeição

Os laços de sangue não estabelecem, necessariamente, os laços entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito existia antes da formação do corpo; não foi o pai quem criou o Espírito do filho, ele não fez senão fornecer-lhe um envoltório corporal, mas deve ajudar o seu desenvolvimento intelectual e moral, para fazê-lo progredir.

Os Espíritos que se encarnam numa mesma família, sobretudo entre parentes próximos, são, o mais freqüentemente, Espíritos simpáticos, unidos por relacionamentos anteriores que se traduzem por sua afeição durante a vida terrestre; mas pode ocorrer também que esses Espíritos sejam completamente estranhos uns aos outros, divididos por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem da mesma forma por seu antagonismo na Terra, para lhes servir de prova. Os verdadeiros laços de família não são, pois, os da consangüinidade, mas os da simpatia e da comunhão de pensamentos que unem os Espíritos antes, durante e após a sua encarnação. De onde se segue que dois seres nascidos de pais diferentes, podem ser

mais irmãos pelo Espírito do que se o fossem pelo sangue; podem se atrair, se procurar, dar-se bem juntos, enquanto que dois irmãos consangüíneos podem se repelir, como se vê todos os dias; problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XIV

Espíritos simpáticos, entre si, unidos por anteriores relações de trabalho e amizade, muito cedo se expressam pelo amor fraternal.

Ocorre, no entanto, algumas vezes que tais espíritos, embora buscando o mesmo lar, sejam estranhos ou até antagonistas entre si, manifestando antipatia mútua.

É que, embora nascidos no mesmo lar, a relação de familiaridade não se define pelos laços do sangue e sim pelos laços do Espírito.

Poderão, então, ter aversão uns pelos outros.

Teremos, no caso da aversão inata, ou seja, a que vem junto dos próprios recém-natos, pais e filhos que se repelem desde o primeiro dia de suas vidas.

Há, por isso, pais que antipatizam com os próprios filhos.

E, por outro lado, há filhos que antipatizam com seus próprios pais, desenvolvendo um quadro profundamente doloroso, já que se confrontam, revelando reações negativas, uns para com os outros.

Em certas crianças, muito cedo transparece um repúdio pelos pais ou por toda ou parte da família, num quadro de antipatia gratuita e que não será bem compreendida se não voltarmos os nossos olhos para as vidas anteriores.

Em verdade o espírito, em reencarnado, vem para evoluir, para superar conflitos, para ajustar-se ao ninho doméstico, num longo curso de amor-fraternal.

Filhos, Como Educá-los – Roque Jacintho

6.2. A ingratidão dos filhos

A ingratidão dos filhos é, naturalmente, uma das causas que mais ferem o coração dos pais.

Por que os filhos ingratos?!

É que há Espíritos que se deixam conflitar entre o amor e o rancor, entre o perdão que reaproxima as almas e o ódio que reascende o instinto de vingança.

Reencarnando, pois, de novo no mesmo lar em que tanto se conflitou, esse Espírito deverá ter persistência nas suas boas resoluções, sufocando as adversidades a que se atirou em passado espiritual recente.

Se ele se superar, haverá paz com os pais.

Se, contudo, ele se deixar arrastar pelo rancor, diante da família que ele rejeitou em passado recente, eis que ele não se fará amigo da família em que reencarnou e, pior ainda, poderá torna-se um inimigo surdo daqueles que o receberam no lar.

Que fazer, diante dos conflitos?

Como sanar os desencontros instintivos?

O que devem fazer os pais, diante da criança e do jovem que com eles se conflitam, é buscar, desde cedo, colocar o amor de Deus nessa alma.

Essa é a missão dos pais.

Em verdade, tais pais são investidos, nessas ocorrências, da missão de resgatar essa alma do clima de amargura, do rancor, do desamor.

A educação, pois, que os pais derem a essa criança, haverá de auxiliá-la a superar-se, se possível, e a construir a sua felicidade futura, sem tornar-se uma escravagista de seus pais.

Guardemos certeza de que, sem sacrifícios e muitas lágrimas silenciosas, esses pais não terão como se justificar do atraso moral do filho ingrato, se não se empenharam em reeducá-lo.

Evitemos, portanto, de rejeitar a criança que, no berço, repele os próprios pais e nem afastemos, de vez, aquele filho que paga o amor com a moeda da ingratidão.

Dedique-se a ensinar a esse Espírito a aprimorar-se, a amar e a bendizer a Deus, ajudando-o a superar-se, a aperfeiçoar-se e, dentro do possível, a amar e bendizer o lar.

Combata-lhe as inclinações viciosas.

Lembre-se, por outro lado, que a educação do filho não é tão difícil e que você pode e deve realizá-la por si mesmo.

Não se iluda, contudo.

A criança que deixa sinais de egoísmo e de orgulho, extremando tais falhas na juventude, deverá ser reajustada desde o berço e ao longo de toda a sua vida e, se você deixar de corrigi-la, mais tarde irá ferir-se nos seus muitos espinhos.

Se, contudo, você tudo fizer para amadurecê-la e transformá-la moralmente e seus esforços pareçam ter sido vãos, não se culpe por isso.

Guarde tranqüilidade em seu coração.

Guarde, também, a certeza de que o filho ingrato superará com dores a sua posição evolutiva e, um dia, será alma de sua alma, coração de seu coração, amor de seu amor.

Confie na Providência Divina e, após ter feito tudo a favor dela, entregue-a ao Pai Celestial, que haverá de reeducá-la ao longo de uma vida dolorosa, através de provações redentoras.

Filhos, Como Educá-los – Roque Jacintho

A ingratidão é um dos frutos mais imediatos do egoísmo; revolta sempre os corações honestos; mas a dos filhos com relação aos pais, tem um caráter ainda mais odioso; é sob esse ponto de vista especialmente que vamos encará-la para analisar-lhe as causas e os efeitos. Aqui, como por toda a parte, o Espiritismo veio lançar luz sobre um dos problemas do coração humano.

Quando o Espírito deixa a Terra, carrega consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza, e vai para o espaço se aperfeiçoar ou ficar estacionário, até que queira ver a luz. Alguns, pois, partiram carregando consigo ódios poderosos e desejos de vingança insatisfeitos; mas a alguns destes, mais avançados que os outros, é permitido entrever algo da verdade; eles reconhecem os funestos efeitos de suas paixões e, então, tomam boas resoluções; compreendem que para ir a Deus não há senão uma senha: caridade; ora, não há caridade sem esquecimento de ultrajes e de injúrias; não há caridade com ódios no coração e sem perdão.

Então, por um esforço inaudito, olham aqueles que detestaram na Terra, mas ante essa visão, sua animosidade desperta: revoltam-se com a idéia de perdoar, e mais ainda com a de abdicarem de si mesmos, sobretudo, a de amarem aqueles que talvez lhe destruíssem a fortuna, a honra, a família. Entretanto, o coração desses infelizes está abalado: eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários: se a boa resolução vence, pedem a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes dêem forças no momento mais decisivo da prova.

Enfim, depois de alguns anos de meditações e de preces, o Espírito se aproveita de um corpo que se prepara na família daquele que detestou, e pede aos Espíritos encarregados de transmitirem as ordens supremas, para ir cumprir na Terra os destinos desse corpo que vem de se formar. Qual será, pois, a sua conduta nesta família? Ela dependerá, mais ou menos, da persistência de suas boas resoluções. O contato incessante dos seres que odiou é uma prova terrível, sob a qual sucumbe, às vezes, se sua vontade não é

bastante forte. Assim, segundo triunfe a boa ou má resolução, será amigo ou inimigo daqueles no meio do qual foi chamado a viver. Por aí se explicam esses ódios, essas repulsas instintivas que se notam em certas crianças e que nenhum ato anterior parece justificar; nada, com efeito, nessa existência, pôde provocar essa antipatia: para compreendê-la é preciso voltar os olhos sobre o passado.

Ò espíritas! Compreendei hoje o grande papel da Humanidade: compreendei que quando produzis um corpo, a alma que nele se encarna vem do espaço para progredir; sabei vossos deveres e colocai todo o vosso amor em aproximar essa alma de Deus; é a missão que vos está confiada e da qual receberéis a recompensa, se a cumprirdes fielmente. Vossos cuidados, a educação que lhe derdes, ajudarão seu aperfeiçoamento e seu bem-estar futuro. Pensai que a cada pai e a cada mãe Deus perguntará: "Que fizestes do filho confiado à vossa guarda?" Se permaneceu atrasado por vossa falta, vosso castigo será o de vê-lo entre os Espíritos sofredores, ao passo que dependia de vós tê-lo feito feliz. Então, vós mesmos, atormentados de remorsos, pedireis para reparar vossa falta; solicitareis uma nova encarnação, para vós e para ele, na qual o cercareis de cuidados mais esclarecidos, e ele, cheio de reconhecimento, vos cercará de seu amor.

Não rejeiteis, pois, a criança de berço que repele sua mãe, nem aquele que vos paga com ingratidão; não é o acaso que o fez assim e que vo-lo deu. Uma intuição imperfeita do passado se revela e daí julgais se um ou outro já muito odiou ou foi muito ofendido; que um ou o outro veio para perdoar ou para expiar. Mães, abraçai, pois, o filho que vos causa desgosto, e dizei-vos: um de nós dois foi culpado. Merecei as alegrias divinas que Deus atribui à maternidade, ensinando a essa criança que ela está sobre a Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Mas, ah! muitos dentre vós, em lugar de arrancar pela educação os maus princípios inatos de existências anteriores, entretêm, desenvolvem esses mesmos princípios por uma fraqueza culposa ou por negligência, e, mais tarde, o vosso coração ulcerado pela ingratidão de vossos filhos, será para vós, desde esta vida, o começo da vossa expiação.

A tarefa não é tão difícil como o poderíeis crer; não exige o saber do mundo, o ignorante como o sábio pode cumpri-la, e o Espiritismo veio facilitá-la, dando a conhecer a causa das imperfeições do coração humano.

Desde o berço a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz de sua existência anterior; é a estudá-los que é preciso se aplicar; todos os males têm o seu princípio no egoísmo e no orgulho; espreitai, pois, os menores sinais que revelam os germes desses vícios, e empenhai-vos em combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas; fazei como o bom jardineiro, que arranca os maus brotos à medida que os vê despontar sobre a árvore. Se deixais se desenvolverem o egoísmo e o orgulho, não vos espanteis de ser mais tarde pagos pela ingratidão. Quando os pais fizerem tudo o que deviam para o adiantamento moral dos filhos, se não se saem bem, não têm censuras a se fazer, e sua consciência pode estar tranqüila; mas ao desgosto muito natural que experimentam do insucesso dos seus esforços, Deus reserva uma grande, uma imensa consolação, pela certeza que não é senão um atraso, e que lhes será dado acabar em outra existência a obra começada nesta, e que um dia o filho ingrato os recompensará com seu amor. (Cap. XIII, nº 19).

Deus não faz a prova acima das forças daquele que a pede; não permite senão aquelas que podem ser cumpridas; se não se triunfa, não é, pois, a possibilidade que falta, mas a vontade, porque quantos há que em lugar de resistir aos maus arrastamentos, neles se comprazem; a estes estão reservados os prantos e os gemidos em suas existências posteriores; mas admirai a bondade de Deus, que nunca fecha a porta ao arrependimento. Chega um dia em que o culpado está cansado de sofrer, em que seu orgulho está enfim domado, e é então que Deus abre seus braços paternos ao filho pródigo que se lhe lança aos pés. As fortes provas, entendi-me bem, são quase sempre o indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando são aceitas por amor a Deus. É um momento supremo, e nele sobretudo, importa não falir murmurando, se não se quer perder-lhe o fruto e ter que recomeçar. Em lugar de vos lamentardes, agradecei a Deus que vos oferece ocasião de vencer para vos dar o prêmio da vitória. Então, quando saídos do turbilhão do mundo terrestre, entrardes no mundo dos Espíritos, nele sereis aclamados como o soldado que sai vitorioso do meio do combate.

De todas as provas, as mais penosas são as que afetam o coração; alguém suporta com coragem a miséria e as privações materiais, mas sucumbe ao peso dos desgostos domésticos, esmagado pela ingratidão dos seus. Oh! É uma pingente angústia essa! Mas que pode melhor, nessas circunstâncias, revelar a coragem moral que o conhecimento das causas do mal e a certeza de que, se há extrema aflição não há desesperos eternos, por que Deus não pode querer que a sua criatura sofra sempre? Que mais

consolador, mais encorajador que esse pensamento de que depende só de si, de seus próprios esforços, abreviar o sofrimento, destruindo em si as causas do mal? Mas, para isso, é preciso não deter o olhar sobre a Terra e não ver senão uma única existência; é preciso se elevar, planar no infinito do passado e do futuro; então, a grande justiça de Deus se revela ao vosso olhar, e esperais com paciência, porque entendeis o que vos parecia monstruosidade na Terra; as feridas que nela recebeis não vos parecem mais do que arranhões. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família aparecem sob sua verdadeira luz; não são mais os laços frágeis da matéria reunindo os membros, mão os laços duráveis do Espírito, que se perpetuam e se consolidam em se depurando, em lugar de se romperem pela reencarnação.

Os Espíritos que a semelhança dos gostos, a identidade de progresso moral e a afeição levam a se reunirem, formam famílias; esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrestres, se procuram para se agruparem como o fazem no espaço; daí nascem as famílias unidas e homogêneas; e se, em suas peregrinações, estão momentaneamente separados, reencontra-se mais tarde, felizes com os novos progressos. Mas como não devem trabalhar unicamente para si, Deus permite que Espíritos menos avançados venham a se encarnar entre eles para aí haurir conselhos e bons exemplos, no interesse do seu adiantamento; eles causam, por vezes, perturbações, mas aí está a prova, aí está a tarefa. Acolhei-os, pois, como irmãos; vinde em sua ajuda e, mais tarde, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará de haver salvo do naufrágio os que, a seu turno, poderão salvá-la de outros. (Santo Agostinho-Paris, 1862).

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XIV

6.3. Filhos rebeldes

Há filhos rebeldes.

Há, também, filhos quase incorrigíveis.

Há filhos que se colocam além e acima dos bons princípios da educação espiritual e que são duros de sentimento e se recusam a dobrar a sua cerviz.

Nenhuma mãe e nenhum pai, por certo, desconhece que o procedimento e as aspirações de alguns de seus filhos são diferentes e até conflitantes com o seu modo de ser.

Cada filho é um espírito diferenciado.

Não há, portanto, de dar a todos os seus filhos o mesmo sentido educativo, porque os filhos são desiguais em experiências e em sentimentos.

Movimente, pois, essa mãe todos os recursos possíveis para despertá-los para o Bem, e para a realidade da existência e da vida, sem desfalecimento.

Dê-lhes amor e carinho.

Não poupe, contudo, a energia necessária para a reeducação dos filhos rebeldes ou incorrigíveis, sem jamais se culpar pelas atitudes que eles preferem.

Saiba que eles podem se auto-corrigir.

E, se não o fizerem por vontade própria, que a mãe persevere na sua tarefa de educadora e espere a manifestação dos Mentores Espirituais que, no tempo oportuno, prepararão as lições da dor necessária para correção de rumo dos filhos rebeldes.

Saiba, contudo, que esse amparo celestial virá na forma de sofrimentos e de provas difíceis e dolorosas, para que eles despertem na compreensão e nos sentimentos.

Não se deixe essa mãe, diante do processo educativo da vida, se perturbar pelas dificuldades e dores que visitarão os seus filhos rebeldes, já que esse quadro é socorro divino.

Ore por eles, sim!

Lembre-se, contudo, que tais filhos poderão ter sido seus parceiros num passado distante e que é necessário entregá-los a Deus, já que eles não se entregam ao bom senso do lar.

Se não se educaram no lar, o mundo os educará, com dores.

E, quase sempre, esses corações petrificados só se reabrirão para novos horizontes espirituais debaixo de muito sofrimento.

Resignem-se seus pais.

O sofrimento, como buril, há de remodelá-los e aperfeiçoá-los, já que tais filhos, antes de serem nossos, são filho do Pai Celestial e se destinam, também, aos planos espirituais superiores, ao longo de suas experiências pessoais.

Filhos, Como Educá-los – Roque Jacintho

6.4. Vícios

Dentre os gravames infelizes que desorganizam a economia social e moral da Terra atual, as drogas alucinógenas ocupam lugar de destaque, em considerando a facilidade com que dominam as gerações novas, estrangulando as esperanças humanas em relação ao futuro.

A educação moral à luz do Evangelho sem disfarces nem distorções; a conscientização espiritual sem alardes; a liberdade e a orientação com bases na responsabilidade; as disciplinas morais desde cedo; a vigilância carinhosa dos pais e mestres cautelosos; a assistência social e médica em contribuição fraternal constituem antídotos eficazes para o aberrante problema dos tóxicos - auto-flagelo que a Humanidade está sofrendo, por haver trocado os valores reais do amor e da verdade pelos comportamentos irrelevantes quão insensatos da frivolidade.

O problema, portanto, é de educação na família cristianizada, na escola enobrecida, na comunidade honrada e não de repressão policial...

Se és jovem, não te iludas, contaminando-te, face ao pressuposto de que a cura se dá facilmente.

Se atravessas a idade adulta, não te concedas sonhos e vivências que pertencem à infância já passada, ansiando por prazeres que terminam ante a fugaz e enganosa durabilidade do corpo.

Se és mestre, orienta com elevação abordando a temática sem preconceito, mas com seriedade.

Se és pai ou mãe não penses que o teu lar estará poupado. Observa o comportamento dos filhos, mantém-te, atento, cuida deles desde antes da ingerência e do comprometimento nos embalos dos estupefacientes e alucinógenos, em cuja oportunidade podes auxiliá-los e preservá-los. Se, porém, te surpreenderes com o drama que se adentrou no lar, não fujas dele, procurando ignorá-lo em convivência de ingenuidade, nem te rebeles, assumindo atitude hostil. Conversa, esclarece, orienta e assiste os que se hajam tornado vítimas, procurando os recursos competentes da Medicina como da Doutrina Espírita, a fim de conseguires a reeducação e a felicidade daqueles que a Lei Divina te confiou para a tua e a ventura deles.

S.O.S. Família – Joanna de Ângelis

- O que podemos fazer para prevenir o envolvimento dos nossos filhos com drogas?
- Criá-los com muito amor e diálogo, manter um ambiente de harmonia no lar, acompanhá-los de perto, examinar os ambientes que freqüentam e os amigos com quem se relacionam, dar-lhes boa orientação religiosa e fazer tudo para que sejam crianças e jovens felizes.
- Como fazer para prevenir o alcoolismo?
- Não bebendo e não ensinando os filhos a beber.

Relacionamento Entre Pais e Filhos – Umberto Ferreira

6.5. Maturidade e imaturidade

Entre seus filhos, você deverá observar que eles não são iguais entre si, em inclinações e preferências, em respeito e docilidade, já que os laços de sangue não determinam a madureza ou a imaturidade do reencarnante.

Assim, não queira igualá-los!

No ato de educá-los, respeite-lhes a madureza ou a sua infantilidade congênita, já que cada um está dentro do patamar alcançado pela fieira das suas reencarnações.

Evite, pois, de exigir-lhes igual capacidade de aprendizagem, igual capacidade de educação, algumas vezes cobrando-lhes em excesso aquilo que um ou outro não pode lhe dar.

Todos somos espíritos diferenciados.

Alguns, já que entesouraram os recursos da inteligência, ao longo de suas peregrinações reencarnatórias, revelarão facilidade em instruir-se, com ou sem o auxílio de professores, desde os bancos escolares.

Outros, contudo, sentirão dificuldades naturais.

Cada um é cada um!

Anote, igualmente, que se há aquele filho que recolhe e amplia os conhecimentos escolares, talvez nem sempre ele seja excelente no campo dos sentimentos.

Haverá aquele, por outro lado, que lutará contra a dificuldade de aprendizagem escolar e até de ajuste profissional, mas que se desvendará por excelentes sentimentos.

Tudo dependerá de suas vidas e experiências anteriores.

Você terá, não raro, também aquele filho que extrema pela facilidade de obter cultura e de fácil ajuste profissional e, também, terá aquele para quem tudo é um começo, uma iniciação.

A maturidade, portanto, é uma conquista.

A imaturidade ou infantilismo, contudo, é mera decorrência de falta de experiências anteriores ou, então, por fruto da indolência crônica de quem não se empenha em superar-se, porque se culpa ou se violenta a si próprio.

Eduque, assim, cada filho como sendo um espírito absolutamente individual, fugindo da conduta imatura de quem quer igualar todos os seus filhos entre si.

Sabemos, no entanto, que o coração maternal dispõe de uma sabedoria transcendente ao comum da vida e, desde que você não se deixe influenciar por observações de estranhos ou de teorias mal formuladas, no mundo da psicologia, você terá recursos para ajudar o filho imaturo a crescer com os valores reais da Vida Eterna.

Filhos, Como Educá-los – Roque Jacintho

REFLEXÃO

582. Pode-se considerar como missão a paternidade?

“É, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que o pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de apumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem.”

583. São responsáveis os pais pelo transviamento de um filho que envereda pelo caminho do mal, apesar dos cuidados que lhe dispensaram?

“Não: porém, quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec